

Luciana Perdigão
(Org.)



Visionários

Muito além do olhar

Fernanda Delamari

Henrique Elias

Lethícia Grey

Lucas Nolasco

Luiz Cláudio

Margarete Sabará

Ricardo Motta

Roberta Amorim

Sergio Balsante

Sidney Silva

Vicky Wingler

Audiodescrição da capa do ebook VISIONÁRIOS, organizado por Luciana Perdigão. Capa vertical com uma ilustração central de um personagem amarelo com contorno azul e mãos e pés grandes. Ele sorri. Segura um grande binóculo azul. Nas lentes, reflexos do céu azul com nuvens brancas. No topo central, em azul: nome da autora e (Org.). Abaixo do personagem, o título em fonte grande, azul e com sombreamento amarelo, seguido do subtítulo também em azul: Muito além do olhar. Na metade inferior, em fonte menor: Fernanda Delamari, Henrique Elias, Lethícia Grey, Lucas Nolasco, Luiz Cláudio, Margarete Sabará, Ricardo Motta, Roberta Amorim, Sérgio Balsante, Sidney Silva, Vicky Wingler. O fundo é amarelo. **Fim da audiodescrição.**

V831

Visionários : muito além do olhar / Fernanda Delamari...[et al]. Rio de Janeiro : [s.n], 2025.
p.

ISBN : 978-65-01-72531-4

1. Educação à distância. 2. Diversidade. 3. Deficiência visual. 4. Solidão. 5. Integração. I. (org.) Perdigão, Luciana. II. Nascimento, Henrique. III. Grey, Lethícia. IV. Nolasco, Lucas. V. Cláudio, Luiz. VI. Sabará, Margarete. VII. Motta, Ricardo. VIII. Amorin, Roberta. IX. Balsante, Sergio. X. Silva, Sidney. XI. Wingler, Vicky. 1. Título.
CDD: 371.35

Visionários

Muito além do olhar

Organização e projeto gráfico: Luciana Perdigão

Autores: Fernanda Delamari, Henrique Elias, Lethícia Grey, Lucas Nolasco, Luiz Cláudio, Margarete Sabará, Ricardo Motta, Roberta Amorim, Sergio Balsante, Sidney Silva, Vicky Wingler

Colaboração: Maysa Diório, Prof. Lincoln Tavares

Revisão: Flancieni Ferreira

Capa: Clara Gomes e Luciana Perdigão.

Audiodescrição: Mariana Traverso e Felipe Monteiro

Agradecimentos

Além dessas incríveis pessoas visionárias, gostaria de agradecer àquelas pessoas que abraçaram a ideia desse projeto, contribuindo para a “concretização virtual” desse e-book.

À querida Clarinha Gomes, que, mesmo antes de trabalharmos juntas, eu já acompanhava seu trabalho, fazendo clippings dos "bichinhos de jardim" para servir de inspiração na minha época de ilustradora. A Clarinha doou seu talento na criação desse personagem, ainda sem nome mas cheio de personalidade, que ilustra a capa e os capítulos deste e-book.

À doce e paciente Aline Kauffman, que foi incansável na transformação desse personagem na versão 3D. Assim, as pessoas visionárias tiveram oportunidade de conhecer esse mascote através da percepção háptica, ou seja, manuseando o objeto e identificando algumas características pelo tato.

À colega de trabalho e de luta, Vera Vani Pinho, que gentilmente doou seu conhecimento na elaboração da ficha catalográfica deste e-book, e colocou mais um “tijolinho virtual” na construção desse sonho de tantos!

Sumário

1. VISÃO DE MUNDO	6
2. DEFICIÊNCIA VISUAL, POTÊNCIA REAL.....	7
3. PESSOAS VISIONÁRIAS.....	14
Fernanda Delamari.....	15
Henrique Elias	19
Lethícia Grey	27
Lucas Nolasco	31
Luiz Cláudio	33
Margarete Sabará.....	36
Ricardo Motta	42
Roberta Amorim	46
Sergio Balsante.....	52
Sidney Silva.....	58
Vicky Wingler	64
4. OUTRAS PERSPECTIVAS	69
Maysa Diório	71
5. ALÉM DO OLHAR	76
Prof. Lincoln Tavares.....	76
REFERÊNCIAS.....	85

1. VISÃO DE MUNDO

Está no Houaiss que VISIONÁRIAS são aquelas pessoas que têm ideais grandiosos.

As pessoas visionárias não são apenas sonhadoras. Elas enxergam o mundo além do que está diante dos seus olhos. São capazes de imaginar um futuro diferente, um futuro melhor. Não se contentam com o status quo. Estão sempre buscando novas ideias, novas soluções. São pessoas dispostas a arriscar, aquelas que fazem a diferença.

Visionárias são aquelas pessoas que não permitem que as limitações físicas ou sensoriais as impeçam de sonhar, de criar, de mudar o mundo. Elas enxergam o mundo com um olhar diferente, um olhar para novas possibilidades. Elas nos mostram que a deficiência não é um obstáculo, mas sim uma barreira imposta pela sociedade. A mudança social é a real necessidade para que a inclusão seja uma realidade.

Este livro foi construído a partir dos relatos dessas pessoas, as visionárias com deficiência visual.



2. DEFICIÊNCIA VISUAL, POTÊNCIA REAL

Os alunos da Educação a Distância, de uma forma geral, têm uma queixa sobre a solidão nessa modalidade. Esse sentimento pode ser ainda maior para os alunos com deficiência visual, que não conhecem seus pares e podem se perceber em situações de exclusão em relação aos demais membros da comunidade acadêmica. Proporcionar um encontro entre eles, através de uma comunidade, é uma oportunidade de troca de experiências.

As comunidades de aprendizagem são espaços de interação e colaboração entre indivíduos que compartilham um interesse comum, sejam eles estudantes, professores, pesquisadores ou profissionais. Essas comunidades podem ser presenciais ou virtuais, e desempenham um papel importante na aprendizagem, pois promovem o compartilhamento de conhecimentos, experiências e perspectivas.

Este livro apresenta os relatos de experiência de uma comunidade de alunos com deficiência visual no ensino superior a distância. A comunidade foi formada por estudantes de diferentes cursos do Consórcio Cederj, e teve como objetivo a discussão sobre as barreiras de acessibilidade e a troca de experiências sobre a vida acadêmica, o uso de tecnologias assistivas no auxílio diário e a descoberta das potencialidades individuais de cada um para além da deficiência.

Cada participante, na sua subjetividade, contribuiu para a percepção da diversidade ao interagir com o outro. É possível entender que cada pessoa é atravessada por experiências e vivências para além da “categoria” da deficiência visual.

Fernanda é uma mulher branca, tem cabelos e olhos castanhos escuros e usa óculos com armação preta. Se tornou uma pessoa com baixa visão aos 22 anos, devido ao glaucoma e, por ter nascido vidente, diz que depende do resíduo visual e se preocupa com o futuro. Mas, ao participar do grupo dos alunos com deficiência visual do Cederj, estabeleceu uma relação de aproximação e amizade, principalmente com a Margarete que também reside na mesma região de Volta Redonda. Fernanda espera aprender mais com os colegas e deseja realizar diversos cursos como audiodescrição, aprendizado de alunos com déficit intelectual, autismo, altas habilidades, déficit auditivo para se aprimorar como futura professora. Ela diz ter a sensação de superar a solidão acadêmica com o sentimento de pertencimento na comunidade.

Henrique é um homem branco, tem 32 anos e perdeu a visão aos 16. Então foi estudar no Benjamin Constant, onde aprendeu o braile e continua fazendo cursos na área de informática. Sempre foi muito simpático e comunicativo com os colegas do grupo, se disponibilizando a compartilhar seus conhecimentos em Braile e Soroban. Faz faculdade de pedagogia porque quer aprender cada vez mais e ensinar sobre as ferramentas de acessibilidade. Mas ainda tem um sonho de fazer Direito para poder compreender e lutar pelo direito das pessoas com deficiência.

Lethícia tem 22 anos. É uma mulher branca, tem cabelos loiros escuros com reflexos loiros dourados e usa óculos na cor rosa claro. Tem 1,56m de altura e pesa 48 quilos. Desde muito nova quis seguir a carreira de bacharelado em biologia. Mas para estar mais próxima à família, entrou para a licenciatura em ciências biológicas pelo CEDERJ. É uma pessoa determinada a perseguir o sonho de se tornar uma grande bióloga e expandir os estudos sobre as leis que regem a vida. E, apesar da área de educação ambiental com enfoque em

ecologia ser a sua paixão, está aberta a novas experiências e motivada para enfrentar os desafios que surgirem no caminho. Adora jogar videogame e assistir séries e filmes, especialmente comédias românticas e medievais. Também é fã de documentários relacionados à biologia. Sempre que pode, adora ir a zoológicos, aquários, museus, restaurantes e shoppings. Mas, mesmo estando longe, a praia é onde ela mais gosta de estar!

Lucas tem 29 anos, se declara como pardo, com cabelo e barba preta e tem cegueira total. Inicialmente quis fazer psicologia e escolheu pedagogia por poder trabalhar em áreas semelhantes, mas ainda não decidiu qual carreira seguir. Está estagiando e entrando em contato com o ensino fora da faculdade, começando a se identificar com algumas coisas. Gosta de tocar violão, cantar, fazer musculação, e começou a praticar judô recentemente. Gosta de estar em contato com pessoas, no grupo tem um ótimo senso de humor!

Luiz Cláudio tem 47 anos é um homem negro de pele clara e cabelos castanhos bem curtos. É pai de um menino de 10 anos. É uma pessoa mais reservada e um dos seus talentos é saber ouvir e prestar atenção. Gosta de assistir filmes, séries e ler artigos científicos. Pratica corrida de rua e frequenta academia. Ao longo da vida, enfrentou diversas barreiras, sendo uma das principais a falta de crença nas habilidades das pessoas com deficiência visual.

Margarete é uma mulher negra, tem 51 anos, pesa 80 quilos e tem 1,48 metro de altura. Tem deficiência visual de nascença. É massoterapeuta e auxiliar de câmara escura concursada pela prefeitura de Itatiaia há 21 anos. Disse não gostar muito de grupo de WhatsApp, mas está adorando interagir com a comunidade dos alunos com DV do Cederj. Tem como meta ser pedagoga em escola especializada e ensinar braile para adultos ou para quem quiser aprender.

Gosta de ler livros pela internet e também a revista RBC do Benjamin Constant. “Eu gosto de braile, mas também gosto de tecnologia. Eu sou diversificada, digamos assim.”

Ricardo tem 43 anos, é branco com pele morena, cabelos pretos e encaracolados, 1,72m, 90 quilos. É formado em psicologia e está fazendo a segunda graduação. Tem vontade de atuar como professor de sala de recursos auxiliando crianças com deficiência a superarem suas dificuldades e a realizarem seus sonhos. Além disso, gosta muito de escrever poesias de diversas temáticas!

Roberta é uma jovem de 25 anos, natural de Niterói, Rio de Janeiro. Cursa pedagogia e sua jornada acadêmica teve um redirecionamento significativo quando enfrentou uma mudança abrupta em sua vida ao se tornar uma pessoa com deficiência visual por consequência de uma inflamação no nervo óptico. Roberta desistiu do curso de arquivologia na UFF e começou a buscar novas opções. Encontrou na pedagogia uma identificação especial. Diante desse novo cenário, Roberta se deparou com grandes desafios, como se adaptar a tecnologias assistivas.

“A primeira vez que eu tentei usar o NVDA, eu quase joguei o meu notebook longe. Fiquei desesperada em perceber que eu não conseguiria mais usar o mouse e que realmente eu teria que aprender a usar o notebook daquela forma. Hoje em dia eu fico pensando como eu já evolui nesse sentido, né?”

Apesar das barreiras, Roberta se dedica com entusiasmo ao curso e está no seu primeiro estágio neste semestre. Sua abordagem positiva e determinada também se reflete em sua vida pessoal, onde encontrou novas formas de explorar sua paixão pela leitura, migrando de livros físicos para audiobooks. Ela revela

também uma faceta criativa ao compartilhar insights literários em seu podcast.

<https://spotify.link/bhyXx47HfDb>

Uma Página por vez: Podcast da Roberta Amorim

Audiodescrição: captura de tela vertical do Spotify do podcast Uma Página por Vez. Na parte superior à esquerda, um quadrado amarelado com um livro



também amarelo ao centro. Ele está aberto e centralizado e em preto: Uma Página por Vez. Abaixo, a silhueta de mais de dez livros fechados e em pé. Todos os ícones e os textos a seguir estão em branco. Ao lado do quadrado: Uma Página Por Vez em letras maiores e abaixo, o mesmo título em letras menores. Inferior ao quadrado: Seguir, um ícone de sino, um de engrenagem para configurações e três pontos. Abaixo: Podcast voltado ao universo literário e aos desafios de uma estudante de Pedagogia com baixa visão. Mais abaixo, de 5,0 estrelas, uma estrela e 2 entre parênteses. A categoria Livros. O fundo é preto. Fim da audiodescrição.

Sérgio é um homem branco de pele morena, tem 54 anos, 1,75 de altura e pesa

95 quilos. É cego há 14 anos. É calvo, cabelos castanhos escuros e barba grisalha. É massoterapeuta e o interesse em pedagogia surgiu depois da cegueira, em um projeto que desenvolveu e atuou como voluntário para inclusão de pessoas com deficiência visual a partir das tecnologias. É um empenhado conhecedor das leis, na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. E nas horas vagas gosta de curtir uma boa música, gastronomia, bons vinhos e atividades físicas, e, nos dias de sol, curtir a praia acompanhada de uma cervejinha gelada!

Sidney é um homem branco de pele morena, tem 47 anos, e cego desde os 30. Tem cabelos pretos e lisos e rosto fino. É um jovem vovô com muita energia que se intitula como sonhador. Mas tem o pé no chão e as tecnologias assistivas à mão para concretizar seus planos. E dedica, com o olhar atento da esposa, todo seu amor para concluir a sua segunda graduação, dessa vez em pedagogia, depois de alcançar os títulos de bacharel e mestre em história.

Vicky é a mais tímida e confessou não conseguir acompanhar o grupo por causa da rotina corrida.

“Estava esperando um momento mais livre no dia a dia para me manifestar, mas a galera fala bastante e de vários assuntos que é fácil se perder kkkkkkk”

Vicky acha bom ter um contato com os colegas, pois a rotina EAD é muito isolada, e o grupo traz um acolhimento muito melhor, principalmente por ser um de pessoas com DV. Percebe que as dificuldades são parecidas com a de seus colegas na rotina acadêmica do Cederj.

Além dos alunos com deficiência visual, o grupo contou com a participação dos respectivos tutores de apoio, que é um tipo de atendimento especializado prestado pelo Cederj para o acompanhamento acadêmico de alguns alunos com necessidades educacionais especiais do Cederj. Alguns desses tutores participaram ativamente das ações originárias dos relatos, que serão apresentados no capítulo a seguir.

Os textos a seguir propositalmente não seguem um “padrão”: a ideia foi compartilhar a percepção de cada um nessa jornada que foi se conhecer através de uma comunidade virtual. São relatos pessoais, profissionais, dicas e até tutoriais que foram relevantes para o grupo e que podem ser inspiradores para os leitores. Os relatos foram coletados em 2024.



3. PESSOAS VISIONÁRIAS

1. [Fernanda Delamari](#)
2. [Henrique Elias](#)
3. [Lethicia Grey](#)
4. [Lucas Nolasco](#)
5. [Luiz Cláudio](#)
6. [Margarete Sabará](#)
7. [Ricardo Motta](#)
8. [Roberta Amorim](#)
9. [Sérgio Balsante](#)
10. [Sidney Silva](#)
11. [Vicky Wingler](#)



Fernanda Delamari



Audiodescrição: fotografia quadrada de uma mulher branca com cabelos castanhos claros, com luzes loiras, na altura dos ombros e ondulados. As sobrancelhas e os olhos são castanhos e ela sorri. Usa uma blusa preta com uma estampa dourada. Ao fundo, uma janela e uma parede de cor creme. ***Fim da audiodescrição.***

Confesso que o convívio com a comunidade DV, da qual faço parte, por ter baixa visão devido glaucoma e alta miopia e complicações da diabetes, tem sido muito positivo para mim e para minha companheira e amiga nesta jornada, Margareth Sabará. Fomos encaminhadas para este rico projeto de trocas de experiências graças ao NAI e às tutoras Luciana Perdigão e Yeda de Oliveira Monteiro, que já nos acompanharam na disciplina EJA e Geografia 1; Yeda foi nossa tutora de Educação Especial, Psicologia na Educação, EJA e Estágio 2. Ambas sempre nos auxiliaram e a tantos alunos, tornando o aprendizado mais acessível a nós e

auxiliando a desenvolver nossas capacidades em ler, assimilar e interpretar textos acadêmicos e produzir uma escrita científica de melhor qualidade, mais concisa, clara e articulada.

Eu nasci prematura, com sete meses e além de outras complicações no parto, como anóxia, fiquei na incubadora. Com 9 anos, graças à atenção e orientação da professora Marisa, da Escola Municipal Miguel Couto, fui diagnosticada com alta miopia, comecei a utilizar lentes corretivas. No curso de formação de professores, Instituto de Educação Professor Manuel Marinho, fui encaminhada à oftalmologista com minha avó, eu estava com 15 anos e foi identificado glaucoma, alta pressão ocular, infelizmente, devido minha família ser leiga, acreditamos que após usar um frasco de colírio estava curada. Só retornei ao oftalmologista aos 22 anos, com uma perda substancial da visão, devido ao avanço do glaucoma, que é uma doença silenciosa, crônica, que quando não tratada adequadamente é progressiva. Passei a utilizar colírios com frequência adequada, os recebo atualmente pela farmácia de alto custo e me consulto com oftalmologista especializada pelo SUS, o glaucoma está sob controle atualmente e utilizo lentes corretoras.

O CEDERJ, na figura do NAI e das tutoras, me abraçou desde o início quando recebi minha prova de vestibular ampliada, tempo ampliado e sala de aplicação com menos alunos. Em alguns momentos forneceram material e provas ampliadas e, sempre que necessário, leitor e transcritor, além de tempo ampliado para realização das atividades e provas.

Conhecer Margareth Sabará foi formar uma grande amizade e parceria que foi intensificada na Comunidade DV do CEDERJ. Eu tinha uma visão muito vitimista e depressiva, pois nasci vidente e sou uma pessoa muito visual ainda, muito

dependente do meu resíduo visual e me preocupava muito perder a visão ao longo do curso e da vida acadêmica. Interagi inicialmente com Margareth, que passou pelo acompanhamento do Instituto Hilton Rocha, de nossa cidade, Volta Redonda, onde conheceu tecnologias como o DOSVOX e texto txt, áudio livros, braile, atividades da vida diária.

Eu conhecia este instituto, pois ele faz uma parceria muito grande com a rede pública, adaptando gravuras de textos, como mapas e sistemas respiratórios, digestivo em braile e alto relevo. Esta interação começou a vencer o sentimento de pessimismo em mim. Com o ingresso na Comunidade DV, superamos o sentimento de solidão acadêmica e pessoal, eu e Margareth pertencíamos a um grupo. Lá, descobrimos pessoas com problemas visuais mais sérios que os nossos e com habilidades, pois dominam recursos e tecnologias, conhecendo programas de celular e computador que deixam o aprendizado mais acessível.

Margareth tem o desejo de seguir seus estudos no Instituto Benjamin Constant, aprofundando-se em braile, creio que em outras tecnologias também, para trabalhar no Instituto Hilton Rocha como professora.

Eu desejo acompanhar as pesquisas e apresentações de meus colegas, pois tenho muito a aprender com eles e desejo realizar diversos cursos fornecidos pelo NAI, como audiodescrição, aprendizado de alunos com déficit intelectual, autismo, altas habilidades, déficit auditivo, dentre outros cursos para me aprimorar como professora. Somos eternamente gratas por termos a oportunidade de pertencer a esta comunidade.



Fernanda e Margarete

Audiodescrição: fotografia quadrada de duas mulheres abraçadas em uma mercearia. À esquerda, a mulher branca e alta, com cabelos cacheados, castanho escuro e na altura dos ombros. Usa óculos com armação azul e sorri. Ela está com uma jaqueta azul, uma blusa de cor laranja, calça jeans e tênis de cor cinza. Um dos braços, ao redor dos ombros da mulher à direita. A outra, que é mais baixa, é não retinta, tem cabelos curtos e pretos e sorri. Usa uma blusa de cor cinza com uma estampa colorida, um casaco vermelho, calça e tênis pretos. Ela está com uma mochila preta e segura uma bengala longa branca com a mão esquerda. Ao fundo, um balcão com biscoitos, doces, salgados, uma mesa com duas cadeiras de madeira, uma geladeira de bebidas e uma parede amarela.
Fim da audiodescrição.

Fernanda escreveu seu relato no Word com fonte ampliada.



Henrique Elias

Audiodescrição: fotografia quadrada de um homem e uma mulher sentados



*próximos a uma mesa com reglete de escrita braile, um computador e um caderno. À esquerda, o homem branco, está com um boné de cor cinza, óculos escuros, uma blusa também cinza e calça jeans. Abaixo da cadeira, uma mochila preta. Ele apoia uma punção no reglete. À frente, um computador e ao lado direito, o caderno. A mulher é não retinta, usa blusa de cor laranja e folheia o caderno. Ao fundo, uma parede cinza e piso azul. **Fim da audiodescrição.***

Me chamo Henrique Elias do Nascimento, sou deficiente visual total, atualmente estudante do segundo período do curso de Pedagogia/ UERJ, no Polo Rocinha, do Consórcio CEDERJ. Para este projeto de escrita de um capítulo em colaboração com os demais estudantes deficientes que também participam do consórcio e são apoiados pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI/UERJ),

junto com a minha mediadora Beatrice Rossotti, decidimos dividir um pouco da minha trajetória pessoal e educacional até aqui, assim como as primeiras impressões desta mais nova etapa acadêmica.

Pensando nos primórdios do meu contato com o ensino escolar, participei de uma escola regular até o sexto ano, onde estive inserido em turmas regulares e complementava os estudos em um contraturno na sala de recursos da escola, onde interagía com outras pessoas com deficiências diversas. Este cenário me fez ter uma dupla vivência escolar, em um momento estava junto a outros alunos regulares e contava com limitações por parte dos professores e dos materiais disponíveis e, em outro momento, uma sala de aula que contava com recursos adaptados às minhas necessidades educacionais. Esse período era o início dos anos 2000, momento em que as discussões sobre necessidades especiais estavam ganhando mais formato nas escolas e levava consigo outros debates como o de haver, ou não, a necessidade de uma separação de estudantes com deficiências nas escolas regulares ou mesmo em instituições especializadas.

Ainda que contássemos com essas e outras discussões teóricas no período, o marco definidor para a minha mudança de escola não foram elas e sim a infecção que tive no ano de 2002 que me fez perder a visão no ano seguinte, aos quatorze anos de idade. Nesse novo cenário, um dos médicos que participou do processo de perda total da minha visão nos apresentou o Instituto Benjamin Constant (IBC), no qual ingressei no ano de 2004. Na escola regular eu já tinha dificuldades de enxergar os objetos, contava com material ampliado para a minha leitura, assim como precisava de constantes auxílios de terceiros para atividades sociais e educacionais, mas naquele momento estava em uma etapa ainda maior de adaptação. Além de estar em uma nova escola, precisei passar por estudos iniciais como soroban e Braile, para, em sequência, conseguir acompanhar os

estudos no Instituto.

Ao mesmo tempo em que passei a lidar com esses novos desafios de ensino, também fui descobrindo um novo universo em que fui estimulado à prática de outras atividades sociais, como futebol, natação e aulas de informática; algo muito necessário e que depois me possibilitou ter acesso a recursos tecnológicos, como leitores de tela. Outro desafio também foi o deslocamento até o IBC, pois, como morador de Campo Grande, a distância era grande e não tinha autonomia de condução, foi então que, mais uma vez, entrou o apoio familiar, quando meu pai e minha mãe se intercalavam para me levar à escola. O meu estudo no IBC aconteceu até 2010, quando concluí o Ensino Fundamental e passei no ano seguinte para o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que se localizava também no prédio do IBC, mas não contava com materiais adaptados e gerava uma maior necessidade de busca por auxílio de leitores e para isso contamos também com a estrutura do IBC, que tinha profissionais na biblioteca que ofertavam apoios como, por exemplo, em provas de matemática que não eram adaptadas e precisávamos receber auxílio de um leitor. Ainda que o EJA contasse com alguns recursos como provas orais e materiais em CD-Rom, o que nos facilitava no aspecto de autonomia, não tínhamos adaptação em Braille, e isso limitava a nossa autonomia para estudos. No que se refere à localização, o EJA permaneceu no IBC até o ano de 2020, quando, infelizmente, foi deslocado durante a Pandemia de COVID-19.

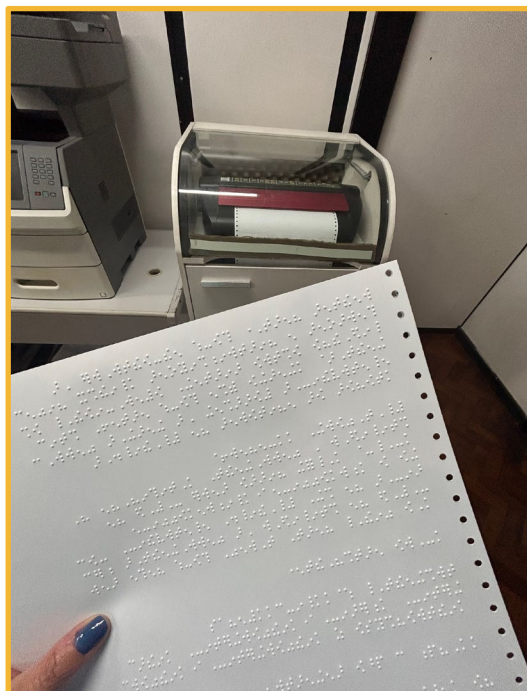
É praticamente nesse momento que se inicia a minha história com o CEDERJ, pois foi no EJA que comecei a ter contato com a ideia de prestar vestibular, fazer uma Universidade – ingressar no Ensino Superior. Mais uma vez, com o apoio de uma das trabalhadoras do Instituto, fiz a minha inscrição no ENEM para prestar vestibular. Ela também me explicou os recursos que se tinha como

pessoa com deficiência. Outro apoio que tive foi de um professor do curso de Informática, que eu fazia no IBC, ele me apresentou o CEDERJ, falou do curso de Pedagogia e como poderia ser um novo campo de atuação profissional para mim. Fiz a inscrição com a ajuda deste professor e passei no vestibular. E, como cada etapa nova tem seus desafios particulares, a entrada na Universidade não seria diferente. Já no momento dos primeiros contatos com a Plataforma informei sobre a minha deficiência, até mesmo para recorrer às adaptações necessárias para a minha prova. Então, quando fiz a minha matrícula informei novamente sobre as minhas deficiências e desde então fui recebido pelo NAI. Esse contato fez toda a diferença no meu acesso com a Instituição, pois foi o núcleo que fez a mediação com o Polo e informou a equipe do curso de Pedagogia sobre o meu caso. Nesse momento, o grupo fez uma seleção para a minha mediação, o que fez com que entrasse no curso acompanhado, desde o primeiro período, pela mediadora, que tem feito a conexão entre minhas necessidades e adaptações para cursar as disciplinas. Este cenário de adequação era um grande receio da minha parte, pois seria um novo cenário, em novo espaço, sem nenhum conhecido, o que poderia me colocar em uma situação de vulnerabilidade. Mas, esse receio não se concretizou, pois o que tenho encontrado até o momento são cenários de acolhimento, tanto por parte do Polo quanto pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do CEDERJ.

Passado esse grande receio de falta de suporte pessoal, também tenho lidado com o desafio de um novo campo acadêmico. Ser um universitário requer o uso de inúmeras ferramentas sociais, intelectuais e tecnológicas, o que nem sempre conta com recursos adaptados para um deficiente visual; um exemplo dessa questão é o acesso à Plataforma. Ainda que atuais mudanças tenham sido feitas, ainda sinto falta de um maior suporte de Informática, especificamente para aprender a usar a plataforma e para treinar o acesso de pessoas cegas ou com

baixa visão. Todo esse primeiro contato fiz com a minha mediadora, no Polo, contando com o suporte também de outros tutores, que, com paciência e persistência, têm me dado todo o auxílio necessário. Também sobre a questão tecnológica, temos a experiência, que ocorreu no início desse semestre, quando, em uma articulação com o NAI, tive acesso a um tablet, o que é fundamental para um curso a distância como o meu. Por contar com recursos limitados de maquinário digital, o uso do tablet tem se mostrado um grande auxílio nos meus estudos, e só pude usá-lo a partir de toda uma implementação de aplicativos, adaptação de leitor de tela e uso da internet, que ocorreu partir da atuação de tutores do Polo e da minha mediadora que tem me apoiado nessa jornada. O que mostra a necessidade de uma desenvoltura social que me permita acessar esses outros sujeitos que possam auxiliar nas minhas necessidades educacionais especiais.

Outro desafio, que se conecta com essa questão do acesso à Plataforma, é o volume denso de leituras das disciplinas, algo comum para o Ensino Superior, mas que pode vir a se tornar assustador para um aluno com deficiência visual, pois, além de ter que contar com habilidades digitais, também tem recursos mais restritos de anotações dos conteúdos. Ainda assim, com a orientação e suporte do NAI, tendo contato direto com a equipe pedagógica do curso e uma mediação nos estudos, esse desafio também tem um novo horizonte, com o qual recebo orientações sobre a necessidade de organização, rotina de estudos e até mesmo do material em recursos que me são mais conhecidos, como o caso dos textos que junto à tutoria, organizo no pen drive, e agora no tablet, para ter acesso mais dinâmico na leitura.



Prova em braile

Audiodescrição: fotografia vertical de uma prova em braile. Mão feminina com a unha azul segura a folha. Ao fundo, uma impressora multifuncional de cor cinza e branca com painel digital. Uma outra impressora braile branca com uma tampa transparente, com o rolo de papel e o mecanismo de impressão no interior. Fim da audiodescrição.

E, por fim, o maior dos recursos que identifico como o que tem permitido os meus estudos é o compromisso dos profissionais de ensino que me dão suporte acadêmico, como as pessoas do Polo, a mediação pessoal e a equipe do NAI, esse compromisso apresentado constantemente com a minha adaptação tem sido um grande diferencial para a minha permanência no Ensino Superior. Ainda que eu tenha consciência de que a minha trajetória está no início, enquanto uma pessoa com deficiência visual, afirmo que os desafios se apresentam desde o início das interações com novos espaços e pessoas, e essa dinâmica desafiadora

tem sido rompida com o auxílio do núcleo.

Toda essa lógica apresentada inicialmente neste trabalho nos permite trazer uma afirmativa sobre a necessidade do apoio especializado para as pessoas com necessidades educacionais especiais e se une a uma provocativa sobre o tema. E se fosse com você, caro leitor? Você mesmo que me lê neste momento. Se pensar na sua trajetória, tanto pessoal, quanto acadêmica, conseguiria me responder quantas pessoas com deficiência tem em seu círculo social acadêmico? E se contasse com um parceiro deficiente visual em sua turma da faculdade, saberia auxiliá-lo? E, pensando em leitores professores: Você, professor(a), saberia adaptar as atividades de sua aula para uma pessoa cega ou com baixa visão? Você já se perguntou se a “autonomia acadêmica” pregada para as pessoas no Ensino Superior não parte de uma perspectiva visual da nossa sociedade? Ou: Será que, enquanto sociedade, estamos prontos para encarar atuações de profissionais cegos não como marginais e excepcionais e sim como um ponto de partida? Essas e algumas outras questões são perguntas que tenho me feito nesses primeiros momentos da minha trajetória no Ensino Superior e gostaria de partilhar com vocês como um desfecho para essa apresentação da minha trajetória acadêmica. Sabemos que haverá muitos desafios a serem trabalhados e derrubados ao longo da minha formação e até posso pontuar alguns como, por exemplo, maiores adaptações da Plataforma ou o meu encontro futuro com os temidos estágios de docência. No entanto, também sei que estamos construindo acessibilidade no Ensino Superior a Distância e faço parte dessa trajetória, o que me traz um certo fôlego para pensar em possíveis atuações profissionais no campo. Em breve volto para contar o desfecho dessa jornada.

Henrique escreveu seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Lethícia Grey

Audiodescrição: fotografia vertical de uma mulher branca com cabelos longos



e loiros. Ela tem sobrancelhas e olhos castanhos e usa batom acobreado. Está com um colar dourado com um pingente redondo e grande e um vestido preto com decote em V. Ao lado esquerdo, uma escultura decorativa de cor cinza escuro. Ao fundo, uma parede de cor creme. **Fim da audiodescrição.**

Aos 15 anos, fui diagnosticada com endoforia, uma condição que afeta a musculatura interna dos meus olhos, tornando-a mais rígida em comparação com a musculatura externa que é mais frouxa. Isso resultou em dificuldades ao ler e escrever, levando a pulos de palavras e linhas, fazendo com que eu leia e escreva, muitas vezes, desconexamente. Inicialmente, desde muito nova, meu objetivo era seguir a carreira de bacharelado em biologia. No entanto, devido a questões familiares, tomei a decisão de estar próxima à minha família. Foi então que optei por fazer o vestibular para o curso de licenciatura em ciências

biológicas pelo CEDERJ. Sou uma pessoa determinada a perseguir meu sonho de me tornar uma grande bióloga e expandir meus estudos sobre as leis que regem a vida. E apesar da área de educação ambiental com enfoque em ecologia ser minha paixão, estou aberta a novas experiências e motivada para enfrentar os desafios que surgem no caminho.

O ambiente escolar, em muitos casos, tem buscado melhorias significativas na inclusão de alunos com deficiência visual. No entanto, ele ainda enfrenta desafios em oferecer uma experiência totalmente inclusiva (Pereira & Silva, 2018). Ajustando seus métodos de ensino, as instituições de ensino buscam apoiar o processo de aprendizagem oferecendo materiais modificados e de escrita tátil juntamente com tecnologias auxiliares. O corpo escolar tem respondido às exigências específicas destes alunos, criando ambientes acessíveis e responsivos. Contudo, apesar das ações exercidas, diversas escolas enfrentam limitações de recursos, como também a falta de capacitação específica para atender às diferentes necessidades dos alunos com deficiência visual.

Por este modo, a inclusão dos alunos com deficiência visual nas escolas é um grande progresso rumo à inclusão educacional. Mesmo com os esforços para acomodar diversos alunos com materiais acessíveis e métodos de ensino adaptáveis, os desafios ainda impedem a acessibilidade completa. A capacidade das escolas para servirem alunos com necessidades especiais é, muitas vezes, dificultada pela escassez de recursos e formação especializada, apesar dos seus esforços.

A busca por um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo para estudantes com deficiência visual vai além da mera oferta de recursos materiais. Essa necessidade vai além do simples desejo por mudanças, demanda uma mudança

de mentalidade profunda e coletiva (Ribeiro & Rodrigues, 2018). Requer políticas institucionais não apenas comprometidas com a inclusão, mas imbuídas na sua promoção ativa. É crucial um compromisso incansável com o aprimoramento dos educadores e uma colaboração sinérgica para forjar um ambiente que não apenas acomode, mas celebre autenticamente a diversidade de habilidades e perspectivas. O desafio significativo reside na revolução do cenário educacional, não só para ser adaptável, mas para se tornar um espaço que não apenas reconheça, mas também exalte as necessidades individuais, capacitando cada aluno a atingir seu potencial máximo, tanto academicamente quanto em seu crescimento pessoal (Oliveira & Santos, 2021).

Perceber a inclusão educacional como uma trajetória de mudança vai além de simples adaptações físicas ou tecnológicas. Representa uma mudança profunda nas mentalidades e nas atitudes não apenas dos educadores e equipe escolar, mas também dos colegas de sala (Gomes & Rodrigues, 2019). Essa visão abraça a transformação de valores e percepções, formando um ambiente onde cada indivíduo é valorizado por suas diferenças, contribuindo para um espaço verdadeiramente inclusivo e enriquecedor. Promover uma cultura de valorização, empatia e compreensão dentro do ambiente escolar é crucial. Isso não está em apenas ajustar o currículo, mas sim sobre construir um espaço que reconheça cada diferença como uma oportunidade valiosa de aprendizado e crescimento para todos (Pereira & Silva, 2018).

Além disso, a implementação de políticas inclusivas não pode ser apenas um compromisso inicial, mas sim um compromisso contínuo de melhorias. É de fundamental relevância ressaltar que além de capacitar educadores para atender às necessidades diversas, deve-se também promover metodologias de ensino inovadoras e adaptáveis. A colaboração de todos é essencial para garantir que

as estratégias sejam adaptadas de forma eficiente para atender as peculiaridades de cada um. Desta forma, se prontifica que a inclusão é o meio chave para construir e evoluir a valorização da diversidade em todos os aspectos da vida. Vale ressaltar novamente que cada indivíduo possui suas potencialidades, independentemente de suas habilidades ou deficiências, e isto enriquece o mundo.

Lethicia escreveu seu relato no Word com fonte ampliada e auxílio de revisão humana.



Lucas Nolasco



Audiodescrição: fotografia quadrada de um homem não retinto com cabelos e barbas curtas e pretas. Ele usa uma camisa vermelha. Ao fundo uma parede branca. Fim da audiodescrição.

Quando decidi começar a faculdade ainda não tinha conhecimento que teria um mediador e logo nas primeiras atividades tive bastante dificuldade, consegui realizar os primeiros trabalhos com a ajuda de outros alunos que mantinha contato no grupo geral da turma, e na primeira prova presencial descobri que era necessário solicitar um mediador. Prontamente, Simone, a coordenadora, me auxiliou na realização das provas sendo minha ledora e fez a solicitação de um mediador para mim. A partir de então, passei a ser mediado pela Janine que me ajudou com os materiais adaptados e nas provas. Depois disso, o ritmo dos estudos começou a se normalizar até que através de uma colega de turma soube

dos estágios não obrigatórios oferecidos pela prefeitura do Rio de Janeiro, em que o objetivo era atuar com crianças com deficiência, o que me interessou muito, e ingressei nesse estágio. Fiquei um ano estagiando na Escola Municipal Francis Hime, onde pude auxiliar dois alunos, um com baixa visão e outro com TEA. Essa experiência de estágio me proporcionou várias outras experiências paralelas à vida de estudante. Como pai, pude compreender melhor a realidade escolar do meu filho e pude ajudá-lo em algumas coisas e aprendi outras a partir da perspectiva dele. Conheci Elizabeth, a Auxiliar de Apoio Educacional Especializado (AAEE) da escola em que era estagiário. No período de 5 meses nos gostamos, namoramos e nos casamos em março deste ano. Por um motivo bem inusitado, conhecemos João Paulo (JP), professor de EJA da UERJ, que nos convidou para participar de uma roda de conversa presencialmente na universidade, falamos sobre inclusão na dimensão das pessoas cegas. E essas não foram as únicas coisas que surpreendentemente eu vivenciei "apenas" por começar uma graduação em pedagogia sendo uma pessoa cega. Ainda sigo me impressionando com várias outras coisas que acontecem decorrente desse passo que foi começar o ensino superior.

Lucas escreveu o seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Luiz Cláudio



Audiodescrição: selfie vertical de um homem negro em frente a um espelho. Ele tem cabelo raspado, sorri e usa uma regata azul-clara. Ao fundo, reflexo das costas e de um celular preto, uma cama com lençol azul-claro, cortinas de cor cinza e piso de madeira. Fim da audiodescrição. **Fim da audiodescrição.**

Meu nome é Luiz Cláudio e sou estudante do CEDERJ, do polo de Belford Roxo. Tenho 47 anos e sou deficiente visual devido a uma doença rara chamada aniridia, que resulta na ausência da íris. Por conta dessa condição, desenvolvi catarata e glaucoma, o que levou à perda da visão no olho direito. Atualmente, possuo apenas 20% de visão no olho esquerdo.

Além disso, sou pai de um filho de 10 anos e estou passando pelo processo de divórcio. Tenho interesse em assistir filmes, séries e ler artigos científicos. Também pratico corrida de rua e frequento a academia. Quanto à minha formação acadêmica, possuo uma formação de segundo grau técnico em eletrotécnica e telecomunicações, e agora estou buscando me graduar em sistemas de computadores.

Ao longo da minha vida, enfrentei diversas barreiras, sendo uma das principais a falta de crença nas habilidades das pessoas com deficiência visual. Infelizmente, muitas vezes as pessoas acreditam que não somos capazes de realizar tarefas, o que está completamente equivocado. Apesar de podermos levar um pouco mais de tempo, na maioria das vezes conseguimos alcançar nossos objetivos.

A criação de um grupo no WhatsApp de alunos com deficiência visual do CEDERJ foi uma ideia maravilhosa. Nele, podemos trocar experiências, conhecimento e ideias. Pessoalmente, sou um pouco mais reservado e prefiro apenas ouvir, raramente dando minha opinião. Uma das minhas qualidades, ou um dos meus talentos, é saber ouvir e prestar atenção.

Uma mensagem ou dica que gostaria de deixar para os calouros com deficiência visual é que não desanimem. Continuem perseverando, pois sei que não será fácil. No entanto, com a ajuda dos tutores e orientadores, tudo se tornará mais acessível. Tenho um ótimo exemplo disso com o meu tutor Cristiano Cesar que está sempre disposto a me ajudar e fornecer várias dicas sobre documentações e matérias que posso estudar para melhorar cada vez mais minha vida acadêmica.

Luiz Claudio escreveu seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Margarete Sabará



Audiodescrição: fotografia quadrada de uma mulher negra com cabelos pretos semi presos, ondulados e na altura dos ombros. Ela sorri e usa uma blusa de cor rosa com detalhes vazados nas mangas e uma estampa frontal em forma de flor, em preto: “Bem-me-quero” e “Mal-me-quero”. Ela está posicionada com o corpo ligeiramente inclinado para a direita. Ao fundo, uma parede de cor cinza. ***Fim da audiodescrição.***

Me chamo Margarete Sabará, e afirmo que estou impactada com esse grupo de WhatsApp tão igual e tão diferente. Impactada positivamente é claro. Nasci deficiente, mas o meu diagnóstico final só veio definitivamente aos 6 anos, quando fui diagnosticada com descolamento de retina. Por alguns anos utilizei recursos ópticos como: óculos, lupa e outros.

Aos seis anos fiz uma cirurgia de descolamento de retina, na capital do Rio de

Janeiro. Mas vale ressaltar que meus pais me levaram a muitos especialistas desde os meus 2 anos. Em 2012 fiz outra cirurgia, desta vez de catarata com o médico Miguel Zaidan. Minha vida acadêmica começou em 1991 quando eu conheci a melhor escola que existe para reabilitar deficientes visuais, a escola Hilton Rocha. Nela eu aprendi a andar com bengala, aprendi o sistema operacional DOSVOX, aprendi como é a vida de uma pessoa cega. Antes de conhecer essa escola não convivia com nenhuma pessoa cega. Ao chegar na escola Hilton Rocha, fui encaminhada para a escola regular. E graças ao acompanhamento da escola especializada, concluí o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e consegui chegar à graduação de Pedagogia do CEDERJ. Eu pretendo retornar à escola Hilton Rocha para ensinar às pessoas com deficiência visual o sistema Braile. Como diz minha amiga Fernanda Delamari, nós somos muito gratas ao apoio que a tutora Yêda Monteiro e a Luciana Perdigão nos dão. Porque quando pedimos auxílio para ter avaliações diferenciadas, prontamente somos atendidas.

Fiquei muito alegre em conhecer a Fernanda no CEDERJ, pois eu estava me sentindo sozinha nessa faculdade. Afirmo que Fernanda é um acréscimo ao meu crescimento acadêmico. A história dela só me fortalece e me dá a coragem que às vezes me falta para seguir em frente. Desse modo, após me formar, tenho como meta principal, como diz Fernanda, ir para o Benjamin Constant me especializar no Sistema Braile, fazer um concurso público e retornar à escola Municipal Especializada Doutor Hilton Rocha e, assim, ensinar o Braile para os alunos cegos da minha cidade. Portanto, afirmo que esse grupo do CEDERJ feito pela Luciana está sendo muito rico, não só pelas experiências dos novos amigos, mas também pelas trocas de informações nesse mundo veloz que é o da tecnologia acessível. Eu não sou uma pessoa muito aberta às novas tecnologias, mas estou disposta a aprender o máximo que eu puder. Sobre o NVDA, sou uma

completa analfabeta tecnológica, mas estou nesse projeto para o que der e vier. Sou imensamente agradecida à professora Yêda, à UNIRIO, ao NAE e à Luciana Perdigão por me presentarem com essa oportunidade que é única na história dessa instituição tão renomada, visto que esse projeto do NAE existe há menos de cinco anos. Se com tão pouco tempo o progresso já está tão avançado, imagino daqui 10 anos.

Desejo sucesso para todos do projeto NAI e para todos os novos amigos DV que eu tive o privilégio de conhecer e de trocar experiências. Uma experiência dentro desse projeto que me deixou bem feliz foi quando uma tutora do CEDERJ, chamada Maísa, que foi tutora de Libras do Ricardo, vendo o desespero que expus no grupo do WhatsApp, se prontificou em me ajudar a passar por mais esse desafio. Eu fiquei bastante impactada quando a professora, mesmo não tendo nenhum ganho financeiro, me deu suporte para que eu pudesse, pelo menos, aprender o mínimo para fazer o trabalho de Libras. A atitude dessa tutora me fez acreditar que ainda existem pessoas que têm amor e o dom em passar seus conhecimentos para quem precisa, como eu precisei. E devo ressaltar que ela não fez esse trabalho comigo de forma presencial, mas sim online, por chamada de vídeo, via Zoom. Eu espero que em nosso país haja mais pessoas como a professora Maísa, pois só assim a educação será mais bem assistida e de qualidade, ou seja, com excelência.

Minha mãe me tirou da escola regular, no início dos anos 80, porque as professoras daquela época não faziam a menor ideia de como ensinar uma pessoa com dificuldade de enxergar o quadro. Da mesma forma que o meu material escolar ia para escola, ele retornava para casa, ou seja, sem nenhuma tarefa passada pela professora para mim; o caderno ia em branco e retornava em branco. Com isso, minha mãe preferiu me tirar da escola regular. Nessa

época, a minha visão era bem melhor que hoje, eu conseguia escrever a lápis, em caderno comum e também enxergava as linhas e margens do caderno.

Eu descobri o Braile em 1987, com uma novela que a Rede Globo transmitiu chamada "Direito de Amar". O seu primeiro capítulo se iniciava com um baile de máscara, em 31/12/1900, dando boas vindas ao Século XX. No decorrer dessa história, do autor Walter Negrão, não foram os personagens principais que me chamaram a atenção, mas um determinado personagem vivido pelo falecido ator João Paulo Barroso, ele me despertou para existência do Sistema Braile. Na história da novela, médicos estavam sendo perseguidos pelo Governo, acusados de anarquistas, pois estava tendo um surto de varíola no Rio de Janeiro. Pelo que eu me lembro, Danilo, entusiasta da causa do doutor Ramos, vira fugitivo da polícia, porém é capturado e torturado, esse jovem é obrigado a ficar com os olhos abertos diretamente para o sol, e então o jovem Danilo fica cego. Um tempo depois, seu amigo Adriano, personagem do falecido Lauro Corona, lhe apresenta o sistema Braile. Eu fiquei bem interessada e intrigada em saber como uma pessoa podia ler com as mãos. Com isso, assim que eu fui apresentada à escola especializada, eu quis mais do que depressa aprender o Braile. Porém, como na época a minha visão era razoavelmente boa, a escola alegou que eu deveria estimular a visão nas letras ampliadas, mas, como eu sou bastante teimosa, eu pedi que uma professora me ensinasse em segredo. Ela atendeu meu pedido, e sou imensamente grata a essa profissional que me passou esse conhecimento, dessa forma, eu tive a oportunidade de aprender a grafia das palavras. Desde então eu pude ler inúmeros livros em Braile. Devo dizer que meus olhos se abriram com a descoberta desse sistema, que foi inventado no Século XIX.

Louis Braille nasceu em Paris em 1809. Veio a perder a visão quando se acidentou com um objeto pontiagudo na oficina do pai. Braille no início de sua

vida acadêmica, foi matriculado em uma escola regular, ou seja, em uma escola para alunos videntes. Mas ele se destacou mesmo assim, e recebeu uma bolsa para estudar em uma instituição renomada, chamada Hauy - a pioneira. O jovem Louis Braille, aos 16 anos inventa a "Célula Braille" instrumento que possui 6 relevos, dispostos em duas colunas de três cada. Mas, como todo gênio, Braille não teve sua invenção reconhecida enquanto estava vivo. É que Louis Braille faleceu precocemente, aos 43 anos, vítima de tuberculose, em 1852. Deve-se ressaltar que no Brasil, o Método de Braille chegou ao país em 1854, quando Dom Pedro II inaugurou o Instituto Imperial dos Meninos Cegos, hoje conhecido como: Instituto Benjamin Constant. Localizado na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Urca.

Há 20 anos o Braille, se tornou reconhecido, para todos os cidadãos brasileiros, após o decreto número 5.296. Durante o primeiro Governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Dessa forma, os deficientes podem encontrar o Braille em embalagens de medicamentos, no mercado também há a escrita em Braille em várias embalagens de produtos como pizza, farinhas de aveia e outros. Há também uma empresa de cosmético chamada "Natura" que sempre traz em seus produtos a escrita em Braille. E suas embalagens são sempre bem reforçadas para que a escrita do Braille não se apague.

É como uma frase que eu li uma vez na RBC: "Todo cego é um analfabeto visual". Por não poder enxergar as palavras com os olhos, por exemplo, não conseguem saber como se escreve "Coca Cola", e isso é só um pequeno exemplo. Eu poderia falar de muitos outros casos que os cegos não têm acesso, por não enxergarem. Como diz Sócrates: "Só sei que nada sei." Mas estou aqui para aprender, bem mais do que ensinar.

Margarete escreveu o seu texto utilizando o Sistema Operacional DosVox no seu computador.



Ricardo Motta



Audiodescrição: fotografia quadrada de um homem não retinto próximo ao Museu do Amanhã. Ele tem cabelos curtos, pretos e sorri. Usa uma camisa polo de cor bege. Ao lado direito, o museu, um edifício branco, alongado com um telhado composto por lâminas também brancas. Ao centro, a baía de Guanabara e ao fundo, à esquerda, a ponte Rio-Niterói, uma estrutura de concreto aparente, na cor cinza claro, com pilares robustos que se erguem da água. O céu está nublado. **Fim da audiodescrição.**

Meu nome é Ricardo Motta sou deficiente visual e sou aluno de pedagogia do polo Belford Roxo. Tenho 43 anos, sou moreno, cabelos pretos e encaracolados, 1,72 m., 90 quilos, sou formado em psicologia e estou fazendo minha segunda graduação. Tenho vontade de atuar como professor de sala de recursos auxiliando crianças com deficiência a superarem suas dificuldades e a realizarem seus sonhos. Além disso, gosto muito de escrever poesias de diversas temáticas!

Para colaborar com o grupo vou deixar algumas sugestões de tecnologias que utilizo no Cederj.

Em algumas ocasiões, nossas ADs são disponibilizadas no formato pdf e não é possível responder às questões no próprio trabalho, o que dificulta os alunos deficientes visuais que precisam responder as questões em outro documento. Mas existe um recurso muito útil que converte os arquivos em Doc Word. Você pode encontrá-lo em diversos sites, porém recomendo a utilização de dois que são muito bons: Small PDF e I Love PDF.

Small pdf:

1. Acesse o site <https://smallpdf.com/pt/pdf-para-word>
2. Utilizando o leitor de tela NVDA no computador, utilize as setas do teclado e clique para baixo até chegar no botão "selecionar arquivo".
3. No botão "selecionar arquivo" aperte a tecla enter e abrirá a opção para você escolher o arquivo pdf que deseja converter.
4. Aguarde um pouco até o site carregar o arquivo e depois clique em baixar.
5. Escolha a opção "páginas inteiras", então abrirá a opção para baixar o arquivo convertido.

I Love pdf

1. Acesse o site https://www.ilovepdf.com/pt/pdf_para_word
2. Escolha o arquivo pdf que deseja converter clicando na opção "selecionar arquivo". Você pode também converter arquivos que tenha guardado no Google Drive ou no Dropbox.
3. Aguarde o arquivo carregar.
4. Clique no botão "baixar" para baixar o arquivo convertido para DOC do

Word.

Obs 1: Esses dois sites também convertem imagens para pdf, comprimem o arquivo pdf quando o tamanho do arquivo é muito grande e fazem outros procedimentos.

Obs 2: Esse procedimento também resolve o problema de arquivos em pdfs em que o leitor de voz não consegue ler por ser um documento que foi digitalizado e é reconhecido como uma imagem ou um arquivo danificado.

Aproveito para sugerir também alguns comandos para serem utilizados no computador para facilitar a utilização do leitor de tela NVDA:

1. Alt + espaço: Quando abrir um programa do Windows ou o navegador da internet, utilize esse comando para maximizar a tela. Basta clicar para baixo até encontrar a opção “maximizar a tela”.
2. CTRL + L: Ao abrir o navegador, utilize esse comando para ir direto na barra de endereço e digitar o site que deseja acessar.
3. CTRL + T: Abre uma nova guia no navegador.
4. E: Ao acessar um site aperte a letra "E" para ir direto na caixa de busca.
5. CTRL + W: Fecha uma guia do navegador.
6. Quando fizer uma pesquisa no Google, aperte para cima com as setas do teclado e quando o leitor "ir para o conteúdo principal" aperte “enter” para ser direcionado direto para as pesquisas. Depois é só ir apertando para baixo com as setas para ver todas as pesquisas disponíveis.

Ricardo escreveu seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Roberta Amorim



Audiodescrição: fotografia vertical de uma mulher branca com cabelos longos, lisos e castanhos escuros. Ela sorri e usa uma blusa de mangas curtas bufantes em verde neon e um vestuário inferior preto. Ela está com as mãos apoiadas na cintura. Ao fundo, uma parede de cor cinza clara. ***Fim da audiodescrição.***

Este relato apresenta a minha trajetória até agora no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, por meio do consórcio CEDERJ.

Eu me chamo Roberta Cristina Amorim Teixeira e gostaria de ressaltar que me tornei pessoa com deficiência visual aos 19 anos. Cursava a faculdade de Arquivologia e tinha os meus métodos de estudos, todos visuais, tais como: utilização de post it e marcadores de diversas cores, símbolos e mapas mentais,

além disso, não gostava de estudar no computador, logo, imprimia todos os textos para ler e fazer anotações. Quando resolvi iniciar o meu processo de retorno acadêmico, me deparei com o fato de não poder utilizar mais esses materiais físicos. A princípio, deduzi que esse seria o meu maior problema. No entanto, além de ter que modificar os materiais, entendi, no decorrer dos semestres, que precisaria encontrar um novo método de estudo para compreender o conteúdo do curso. Muito mais que estudar, eu precisaria “reabilitar” o que conhecia sobre o sistema de ensino-aprendizagem. Por isso, afirmo que estudar é um ato que requer organização e método.

Sempre fui uma pessoa muito organizada com o meu material escolar. Normalmente, utilizava várias pastas, cadernos, bloquinhos de anotações e afins. Ao iniciar o curso, já como pessoa com deficiência visual, entendi que o computador deveria ser meu aliado. Portanto, transferi toda a minha organização para ele. Criei uma pasta com o ano e o semestre em que estávamos. Nela criei outras pastas, uma para cada disciplina. Entendi um certo tempo depois que precisava ir além, e criei novamente várias subpastas, tais como “textos”, “caderno”, “resumos” e “avaliações”.

Como podemos concluir, no que se refere à organização, eu estava conseguindo me adequar à nova realidade. No entanto, em relação à parte prática do estudo me percebi preocupada. Eu lia os textos indicados e recortava para um outro documento as partes que achava mais importante (como se estivesse sublinhando em um papel). Porém, ao juntar todas essas partes, havia criado um novo texto, grande o suficiente para não conseguir revisá-lo em tempo hábil e com blocos de conteúdos desconexos. Até hoje, sinto uma defasagem acerca dos conteúdos estudados no primeiro semestre, justamente por não ter tido êxito em meu método de estudos. E aqui me refiro a uma avaliação diagnóstica

pessoal, e não à formal do sistema.

Sendo assim, iniciei uma pesquisa na internet sobre métodos de estudos. Alguns voltados à organização e planos de estudos, outros mais práticos em si. Uma das palestras que mais gostei de acompanhar foi do professor Pierluigi Piazzzi que o meu irmão encontrou disponível no YouTube, tanto que fui em busca do seu livro “Aprendendo inteligência: Manual de instruções do cérebro para estudantes em geral”. No entanto, quando entrei em contato com este material, percebi que ele era voltado a pessoas sem deficiência visual, assim como muitos outros textos que chegaram até a mim por indicação de amigos. E para piorar a situação, a maioria desses materiais condenavam o uso das tecnologias, afinal, digitar não é o mesmo que escrever, e quando escrevemos criamos sinapses de suma importância. (Até hoje fico um pouco preocupada com essa afirmação, mas seguimos em frente.)

Após algumas análises, compreendi que o ideal seria então arranjar um método de estudo que me facilitasse nas revisões. Logo, criei toda uma logística de o que revisar por dia, tentando compreender a pesquisa de Hermann Ebbinghaus acerca da “Curva do esquecimento”, mesmo sabendo que há algumas controvérsias no mundo acadêmico sobre sua pesquisa, porém ainda é um método muito utilizado pelos chamados “concurseiros”, mas não funcionou justamente pelo material não estar sendo produzido de forma sucinta e objetiva.

A grande mudança em meus estudos ocorreu quando comecei a gravar alguns conteúdos para tentar explicar o que eu tinha estudado, com isso, passei a anotar pontos chaves e percebi que isso era essencial. Com esta primeira descoberta, ocorreu uma sucessão de novos entendimentos acerca do que eu deveria fazer, até que cheguei no método que utilizo hoje.

Primeiramente, é necessário compreender o fato de que temos que fazer revisões. Ter contato apenas uma vez com determinado conteúdo não é suficiente para entendermos sua totalidade. Além disso, uma das grandes dificuldades, para mim, se referia ao fato de estudar apenas ouvindo. Muitas das vezes, acabamos perdendo o foco e quando percebemos estamos pensando em outras coisas enquanto o texto está sendo lido, ou ainda, é preciso ouvir mais de uma vez determinado parágrafo, por não entendermos suas estruturas ou argumentação.

Sendo assim:

MEU MÉTODO DE ESTUDO

1. Ouço pela primeira vez o texto indicado, recortando frases e parágrafos que considero os mais importantes para um outro documento. Caso tenha algum insight, já escrevo neste novo documento;
2. Após terminar os textos indicados com temáticas parecidas ou finalizar uma unidade, abro um outro documento conhecido como “Revisão”. Começo a “reouvir” todo o material que havia recortado anteriormente, agora separando-o em palavras-chaves ou frases curtas.
3. Anoto em tópicos os temas que foram destacados no documento “Revisão”, explicando em voz alta seus conceitos;
4. Revisão final (normalmente antes das avaliações).

Para esta última fase, possuo algumas opções de revisão, tais como: ouvir o documento “Revisão” novamente, explicar tópico a tópico dos temas em uma gravação de áudio ou gravar o documento inteiro e ouvir algumas vezes. Para

a escolha desse método final, analiso a disciplina e o meu nível de dificuldade no momento.

O método citado neste relato, à primeira vista, pode parecer longo demais para a quantidade de material que precisamos analisar em um semestre acadêmico. No entanto, ele nos ajuda justamente nesta questão de quantidade, já que o nível do nosso estudo muda de acordo com o passo a passo. Ao analisarmos uma leitura feita por um estudante sem deficiência visual, percebemos que seu primeiro contato com um texto é mais rápido, dinâmico, uma leitura superficial, até chegar em um ponto que faz análises e pesquisas acerca das “partes” mais importantes. Acredito que o passo a passo que utilizo foi desenvolvido a partir desta bagagem que já obtinha.

Atualmente, tento aplicar este método em todas as disciplinas que faço e tem surtido bons resultados. Porém, é importante frisar que, apesar deste relato ter como tema organização e métodos de estudo, entendo que o processo de aprendizagem não se refere apenas a conteúdo. É necessário que haja atores empenhados na causa da educação especial na perspectiva da educação inclusiva e no anticapacitismo, já que o acesso à educação e a permanência nos sistemas de ensino são direito de todos os indivíduos e está prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em nossa Constituição Federal (1988) e na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015). Portanto, é necessário o combate a barreiras físicas e atitudinais, assim como a promoção de qualquer tipo de acessibilidade e uso das tecnologias assistivas.

Contudo, o método apresentado é um bom caminho para desenvolvermos foco, rotina e confiança.

Roberta escreveu o seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Sergio Balsante

Audiodescrição: fotografia vertical de um homem não retinto com as mãos



*apoiadas em uma maca para massagem. Ele tem cabelos pretos e curtos e barba grisalha. Usa uma camiseta regata branca estampada com uma borboleta colorida e calça também branca. Ao fundo, à esquerda, um armário branco com prateleira de vidro com uma estátua dourada de figura oriental, um bonsai e uma cortina branca. À direita, uma parede também branca, com sete adesivos em forma de losangos e arabescos azuis. **Fim da audiodescrição.***

Cada vez mais, as tecnologias digitais fazem parte da vida das pessoas, isso é fato, e não podemos negar que são funcionais na vida das pessoas com deficiência visual (PCDV), haja vista a facilidade que elas trazem na comunicação e interação desses indivíduos no meio social.

É comum ver PcDV fazendo uso de celulares e também de computadores. E

como fazem isso? Através de leitores de telas, que transformam as palavras em áudio para que essas pessoas possam fazer uso das tecnologias digitais.

Então eu, como aluno cego, sugiro que tanto as estruturas escolares se adaptem a essa nova realidade desse grupo, assim como esses indivíduos se especializem cada vez mais no uso dessas tecnologias.

Sendo assim, darei três sugestões que acho pertinentes.

1

A primeira é que escolas e universidades, como um todo, e seu corpo escolar tomem conhecimento de como, de fato, é feito uso das tecnologias digitais pelos sujeitos cegos, que determinem uma equipe para uma análise prática da funcionalidade dessas ferramentas para essas pessoas e que após essa análise os resultados transformem-se em ações efetivas para que o processo tenha progresso. Essas ações podem ser palestras informativas e cursos para os docentes que os faça ver o quanto essas tecnologias potencializam o aprendizado das pessoas com deficiência visual.

Percebo profissionais da educação altamente qualificados, elaborando pesquisas, construindo artigos, defendendo teses e fazendo do nosso mundo o seu, mas efetivamente o que se cria de concreto? Qual ferramenta ou dispositivo fica à nossa disposição na vida real? Para mim o fundamento dos estudos e pesquisas deveriam resultar em criação de leis, estatutos, protocolos e regras, ou seja, produtos que pudessem ser utilizados para a inclusão acontecer de maneira real e voluntária.

Deixo pequenas observações que dão ideia de produtos que poderiam estar disponíveis a partir de solicitações fundamentadas pelas pesquisas e estudos, como é o caso do piso tátil. A UERJ, por exemplo, não tem piso tátil nos seus espaços. Como vamos exercer nosso direito de ir e vir se quando chegamos na universidade somos avisados de que não teremos apoio? Conseguimos chegar à nossa sala de aula com ajuda de alguém que esteja passando e queira nos ajudar, então assim podemos prosseguir, afinal precisamos estar na sala de aula. Outro ponto simples seria as escolas e universidades nos fornecerem materiais básicos para nossos estudos. Eu fico me perguntando: será que terei um computador estruturado para minhas necessidades caso eu precise, ou sempre terei que levar o meu pessoal correndo risco de ser roubado, afinal sou vulnerável? Só duas pulguinhas para situar algumas necessidades básicas.

2

A segunda sugestão seria que as universidades promovessem cursos para aprendizado do uso dessas tecnologias por parte das pessoas com deficiência visual, já que a estrutura do ensino básico não oferta essa disciplina para nós em suas grades curriculares. De que adianta eu ser um expert em braile se na universidade utilizamos basicamente as tecnologias digitais como principal ferramenta. Por exemplo: se preciso me comunicar com uma secretaria, logo me dão o endereço de um e-mail ou um número de Whatsapp. Ou seja, os meios de comunicação se dão, em sua maioria, através de meios tecnológico. Hoje na EAD não há como fazer um curso sem acessar a plataforma online, no meu caso, por exemplo, é difícil ir no polo para tirar dúvidas pessoalmente, diante os inúmeros riscos e disponibilidade de horários para tutoria.

3

Minha terceira e última sugestão seria que os desenvolvedores de plataformas online também tomassem ciência do público com deficiência visual e criassem um histórico dessas necessidades específicas colocando algumas regras básicas nessas plataformas como, por exemplo: não permitir que seja postado textos em formato de imagem e, quando necessário, que seja feito o processo de extração do texto para um formato legível pelos usuários com a limitação visual. Outra sugestão seria que todas as disciplinas tivessem o mesmo formato de disposição das informações, quanto menos janelas de acesso, melhor para nós. Poderia também, ser criado um dispositivo de envio do material didático diretamente da plataforma que fosse abastecido pela coordenação.

Sabemos que o NAI trabalha com um corpo pequeno de colaboradores e o material disponibilizado para nós é igual ao impresso, e isso nos coloca em desvantagem com os demais alunos. Então, essas sugestões citadas poderiam diminuir em muito o seu trabalho e evitaria que não tivéssemos o acesso ao mesmo material que os demais alunos.

Na minha prática de estudos, desenvolvi formas que facilitassem a dinâmica do aprendizado. Então quando inicia o semestre, crio de maneira organizada pastas no meu computador para armazenar os arquivos das disciplinas. Por exemplo: pasta com o nome do período que estou cursando (sexto período), pasta com o nome da disciplina (Metodologia), pasta com o nome das avaliações (AD1, AP1,etc...). Quando recebo o material do NAI, distribuo os arquivos nas suas respectivas pastas, isso facilita o acesso e busca pelo material. Todo esse processo é realizado no computador, utilizando o leitor de telas NVDA e suas funcionalidades, também o utilizo para criar e ler documentos docx, txt, pdf, entre

outros. Toda interação é feita através do teclado por comandos específicos do sistema Windows e do leitor de telas NVDA. Isso mostra a importância do domínio dessa tecnologia assistiva para melhor aproveitamento do material, uma vez que a navegação da plataforma é confusa devido a quantidade de informações que o leitor de tela anuncia.

Faço lembrar que minhas indagações, argumentações e sugestões são baseadas no conhecimento que venho construindo ao longo do curso e no contato com as disciplinas. O material e a didática da EAD traz reflexões fundamentadas principalmente nas leis que foram estudadas, desde a Constituição Federal, que em seus artigos expressa o direito à igualdade; na Ldben que regulamenta e normatiza o direito à Educação desde o acesso, permanência e conclusão com ensino de qualidade; bem como a LBI que determina e enquadra os crimes contra as pessoas com deficiência a partir de direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988. Além disso, meus questionamentos e sugestões são oriundos das minhas vivências e de relatos de pessoas com a mesma deficiência, haja visto que estamos tratando de pessoas com total autonomia de decisão por gozarem do seu perfeito equilíbrio cognitivo.

Concluo dizendo que certamente a inclusão não é determinada por um único ato ou ação, mas sim por um processo contínuo de ações e atitudes que precisam ser atualizados e praticados por todos os sujeitos envolvidos, ou seja, Estado, escola, sociedade e principalmente pelo protagonista da questão, a PCD, seja qual for sua limitação ou especificidade. Deixo uma reflexão: se um determinado produto é lançado no mercado sem que seja feita a avaliação do uso e interesse por aqueles que são seus consumidores, pela experiência, é quase verdadeiro dizer que o fracasso é líquido e certo. Sendo assim, finalizo com um jargão da inclusão: “nada para nós, sem nós e nunca só com um de nós”.

Sérgio escreveu o seu relato utilizando o software NVDA no computador.



Sidney Silva



Audiodescrição: fotografia vertical de uma mulher e um homem abraçados em saguão de uma universidade. À esquerda, a mulher de pele clara, cabelos castanhos claros e presos. Usa um blazer preto, blusa com listras horizontais em preto e branco e saia longa também preta. Ela sorri e olha para o homem. À direita, ele com pele não retinta, cabelos curtos e pretos. Usa uma beca preta, com gola branca rendada e faixa roxa na cintura. Ele segura uma bengala longa branca e olha para a mulher e sorri. Ao fundo, mais de cinco pessoas, buquês de flores, um quadro e piso em ladrilho vermelho. **Fim da audiodescrição.**

Tenho 47 anos, sou casado há 16, tenho 8 filhos (sendo 2 adotivos) e 4 netos. Nascido no Rio de Janeiro, vivi a maior parte da minha vida em Seropédica. Há 18 anos estou cego, em resultado de um quadro de diabetes mal cuidada. A minha vida acadêmica tem início em 2015.

Como vidente fui construtor civil. Por ter ficado cego de uma só vez, levei aproximadamente um ano para cessar as lágrimas para que só então pudesse “enxergar”. Com o incentivo de minha esposa, realizei meu primeiro sonho: estudar na Universidade Rural (UFRRJ). E assim foi desde 2015 até 2022, com o término do mestrado em História.

Cheguei a me perguntar: o que farei se não conseguir entrar no mestrado? “Não tem problema”, respondeu minha esposa. Enquanto esperávamos o resultado para 2020, ela me inscreveu no SISU em Belas Artes, onde passei no teste de aptidão. Contudo, o ano em que realizei o ENEM era muito anterior ao pedido por eles, mas finalmente, em 2020, lá estava eu começando meu mestrado.

Porém sonhos só são sonhos enquanto não se realizam, e como sonhador sempre fiz surgir novos horizontes, principalmente quando somos incentivados e assim foi.

Já em 2022, com o fim do mestrado e diminuição da pandemia, pensei: “por que não fazer Direito, Psicologia ou Pedagogia?”. “Por que não?”, respondeu a fada madrinha, quer dizer, minha esposa. Ela disse: “com a sua nota você pode fazer o reingresso em Direito, e se a nota não validar tem o Turismo como segunda opção.” Um cego como guia turístico. Rimos juntos.

Bem, lá estava eu no campus do (IM) – UFRRJ em horário noturno a 37 km de Seropédica com minha esposa, na primeira semana de aula, já com a matrícula confirmada por assinatura. Contudo, durou pouco essa alegria. Faltou entregarmos os documentos de comprovação de renda, o que fez com que eu fosse cortado do curso.

De sorte que a experiência valeu não só para mim, como para todos os colegas e professores que achavam incrível, inspirador, estranho, engraçado ou mesmo loucura um cego no Turismo, principalmente um que já tinha definido na primeira semana seu tema de monografia.

Alguns dias depois, já bem triste com toda aquela situação ocorrida, minha esposa tentou me inscrever em várias universidades pagas, contudo eu dizia: “pagar para ter dor de cabeça, nem morto”, visto não estar em época de reingresso. Era finalzinho de 2022, pensei ter ouvido uma voz, era a fada dizendo: “minha colega colocou aqui no Whatsapp que tem uma inscrição para o Vestibular Cederj que foi prorrogada até hoje. O que você está esperando?”. “Calma, já estou dentro”, respondi. E a fada perguntou: “Quer qual curso, meu príncipe?”. E aqui começou minha trajetória no curso em Pedagogia pelo Cederj – EAD no polo de Paracambi.

Antes de apresentar minhas vivências como aluno cego do sistema EAD de ensino, precisava esclarecer que já havia tido contato com a internet, não só por causa da pandemia, mas porque já havia feito outro curso, e como cego, já tinha contato com os materiais em texto Word, TXT, PDF e outros, todos com o auxílio dos leitores de telas.

Experiências com os leitores de telas

Para compreender a visão de um cego com os leitores de tela, só é possível se esse cego já tiver testado pelo menos três leitores diferentes, como visão do que podem ser alguns, com suas facilidades, acessibilidades e dificuldades. Na posição de software, livre ou não, destaco NVDA e Dosvox como softwares

gratuitos de código aberto e o JAWS como software pago.

O maior obstáculo e diferença entre os leitores de tela não está, como muitos pensariam, no valor a ser pago, até porque uma licença para o uso do Jaws está em torno de sessenta reais. A grande diferença entre eles se faz na intermitência, mesmo a Microsoft com o narrador de voz que já vem instalado no Windows Dez não consegue o reflexo contido na intermitência do NVDA. A velocidade de resposta não está na aceleração, mas no contato do cursor com a célula. O Dosvox, apesar de ser um software livre, perde muito por separar o cego do espaço virtual onde se encontra o vidente.

Dito isso, podemos perceber que a inclusão não é a dos leitores de tela às plataformas, mas a construção de possibilidades que permitam o acesso deles a seus usuários.

Experiências com as plataformas

Antes de usar a atual plataforma do Cederj, utilizei em outra universidade pública o “Quiosque”, como era conhecido o sistema de plataforma online na Universidade Rural que migrou para SIGAA, o qual até hoje todo mundo leva uma “coça” para conseguir utilizar. Apesar de ter utilizado por mais tempo o SIGAA do que a plataforma CEDERJ, tanto eu, como minha esposa,

conseguimos acessar bem melhor a do Cederj. Diante disso, destaco duas possibilidades para as dificuldades nas plataformas virtuais:

1. Acredito que o vilão seja o sistema Sistacad, pois não tem acessibilidade para entrar. Também é difícil a consulta de nossas notas nas disciplinas, devido a elas estarem dispostas em células, o que atrapalha a leitura de tela, dificultando assim, a vida de quem utiliza essas ferramentas de leitura.
2. A falta de acessibilidade na plataforma é, creio eu, pela barreira atitudinal por parte dos organizadores que tem a obrigação de disponibilizar o material de todas as formas, formatos, mas, acima de tudo, disponibilizar esse material no tempo adequado, pois é a única forma fora o braile, para nós cegos ou com baixa visão, estudarmos com o mínimo de autonomia.

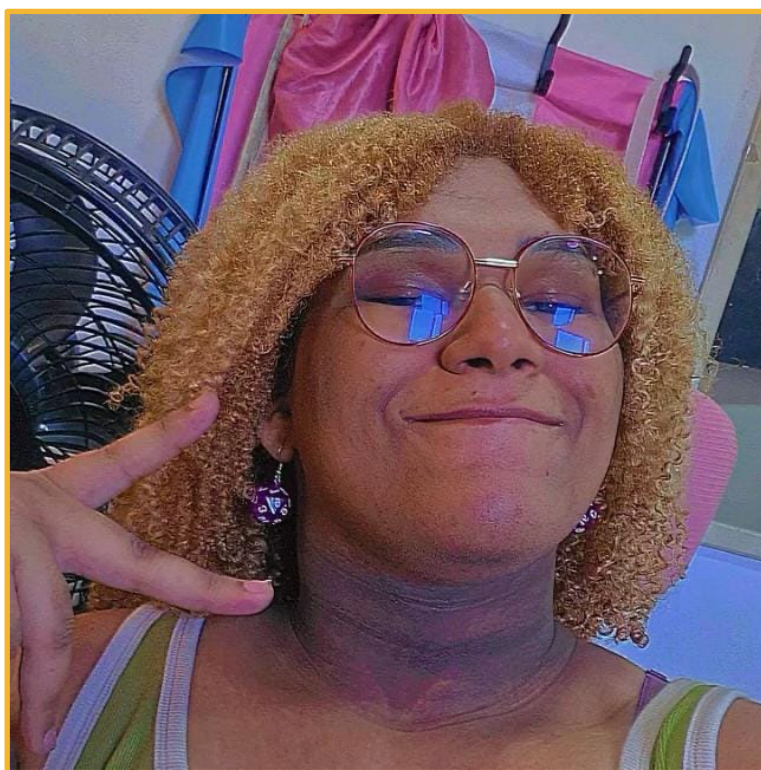
Essas são algumas das minhas percepções diante das minhas experiências pessoais sobre o uso de algumas das ferramentas disponibilizadas para pessoas com deficiência visual.

Sobre minha percepção do grupo dos alunos com DV, noto que o primeiro contato com tantos estudantes cegos me permitiu confirmar minhas inspirações, meus medos e frustrações, me fazendo perceber que, seja qual for o mecanismo ou forma de socialização que venhamos a utilizar, não são propriamente nossos olhos a grande falta, mas sem dúvida o olhar do outro que a todos permite enxergar a si mesmo.

Sidney escreveu seu relato utilizando o software NVDA no computador e o apoio da esposa na revisão.



Vicky Wingler



Audiodescrição: fotografia quadrada de uma mulher negra com cabelos cacheados loiros na altura dos ombros. Ela usa óculos de armação redonda e dourada, que refletem uma luz azulada e brincos escuros em formato de coração e está sorrindo. Com a mão esquerda, faz o sinal de "paz e amor" com o dedo indicador e o dedo médio erguidos e formando um "V". No fundo, um ventilador preto à esquerda e tecidos em tons de rosa e azul no centro. **Fim da audiodescrição.**

Me chamo Vicky Nascimento Wingler, sou nascida no centro do Rio, morei minha vida inteira na Baixada Fluminense. Fui diagnosticada, logo de nascença, como DV. Com isso, fui encaminhada e pude ter acompanhamento especializado no Instituto Benjamin Constant, que foi meu primeiro colégio, o que pelo lado bom me deu uma assistência incrível em como lidava e lido até hoje com minha deficiência, porém também trouxe grandes desafios para minha família que

lutava para me locomover todos os dias até o local. Para chegar ao Instituto saindo da Baixada, costumávamos pegar três conduções. Minha mãe lutou muito para me manter matriculada nos meus primeiros anos, e o maior alívio nesse meio tempo foi termos conseguido o Vale Social que nos possibilitou pegar ônibus, trens e metrô até lá de forma gratuita. Esse Vale é um direito importantíssimo para a vida de nós pessoas com necessidades especiais.

Durante esse período, além de ter contato com pessoas iguais ou com necessidades parecidas com as minhas, eu passava por exames para acurar meu diagnóstico que a primeiro momento era de cegueira e depois se revelou visão subnormal com má formação nas córneas, nistagmo e astigmatismo. O que mais chocou a todos foi quando surgiu uma suposta cirurgia que tinha poucas chances de sucesso e em caso de falha poderia realmente me cegar, diante disso, ninguém quis arriscar, preferimos manter um tratamento anual para tentar aliviar os efeitos da má formação. Isso coincidiu com meu último ano no Instituto e minha passagem para outros colégios.

Nesse período, comecei a lidar com as dificuldades da minha baixa visão, já não tinha tantas pessoas como eu na nova escola e não havia preocupação com alunos PCD. Constantemente reclamava com os professores que eu não conseguia enxergar as lições no quadro, porém, quando não era ignorada, era tratada com soluções ineficazes como: levantar e copiar em pé durante as aulas; o que para uma criança não tinha sentido, por isso, durante todos os colégios que frequentei, minha família tinha que conversar com a escola para que me deixassem com assento mais próximo possível ao quadro e para que não se incomodassem caso eu precisasse levantar. Foi assim que lidei quase todo o período escolar até o Ensino Médio.

Uma mudança significativa que houve nesse período foi a popularização dos celulares que me possibilitava fotografar os quadros de textos e exercícios para copiar em meu caderno, porém nem todos os ambientes de ensino que frequentei entendiam essa minha necessidade da mesma forma, havia alguns docentes insistindo que não permitiriam aparelhos em suas aulas, o que sempre causava conflitos indesejados.

Ao chegar no Ensino Médio tive a maior das surpresas, pois após me matricular no Colégio Pedro II, especialmente na unidade de Duque de Caxias, pude ter contato com o Núcleo de acessibilidade à Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE). A coordenadora da época, Natasha Carvalho, me apresentou ao núcleo e pude ter assistência que necessitava até aquele momento. Os recursos que mais me ajudaram foram os conteúdos e provas ampliados, que até ali nem sabia que existiam, programas de ampliação de tela nativos dos computadores e extensões dos navegadores, que me ajudaram muito durante meu curso Técnico em Tecnologia, e os auxílios de tecnologias assistivas, que irei citar aqui, pois foram os que mais me ajudaram a longo prazo no meu dia a dia e na vida acadêmica.

Tecnologias assistivas

- Teclado com relevo e contraste: um teclado separado com suas teclas com fonte 22, contraste de cor com o fundo e relevo sensível sobre as teclas.
- Régua com lupa: uma régua de mão com 15 cm, translúcida que permite ampliar o texto durante a leitura, além de auxiliar a marcação em comparação com régua comuns.

- Telulupa monocular: um monóculo portátil capaz de se acoplar tanto aos óculos quanto ao telefone, podendo ampliar até 30 vezes.

Com esses auxílios, pude concluir meu Ensino Médio de forma mais pacífica, e mesmo após o término, essas tecnologias me ajudam no dia a dia, inclusive agora na faculdade.

Com a mudança para o modelo EAD, mesmo que híbrido, tive meus problemas de adaptação. A primeiro momento não conhecia o NAI, porém o instrutor Marcus me contatou e eu tive acesso a este novo núcleo de apoio, onde, mesmo que não possa ser a pessoa mais ativa, posso ter contato com as experiências de pessoas que passaram por histórias semelhantes a minha e me inspirar a superar os novos desafios e saber que não preciso lidar com eles sozinha.

Plataforma

Durante meu Ensino Médio, de 2019 a 2021, passamos todos pela pandemia de COVID-19, com isso, meu colégio passou a ter aulas online. Durante esse período, houve muitos problemas com adaptação, acessibilidade e responsividade da plataforma que nos era disponibilizada. Por muitas vezes, não conseguia fazer alguma prova do aplicativo. Devido ao péssimo design que tinha, ele cortava as palavras na ampliação do meu celular. Ingressei na faculdade temendo que teria os mesmos problemas, porém, felizmente, me deparei com um site muito mais bem organizado e nítido para estudar, com opções melhores de acessibilidade e que tem me auxiliado até agora. Alguns pequenos problemas surgiram apenas quando comecei os estudos, como, por

exemplo, os slides das aulas serem todos fotografias, o que impossibilita ampliação de fonte e seleção de texto, além de vários botões com animações sem função ou resultado, mostrando que mesmo com os avanços que temos até agora com auxílios e tecnologias ao nosso lado, ainda precisamos estar presentes nas áreas para sermos lembrados e considerados ao serem desenvolvidos novos conteúdos e aplicações.

Vicky escreveu seu relato utilizando o Word com fonte ampliada.



4. OUTRAS PERSPECTIVAS

A inclusão no ensino superior não se limita apenas à eliminação de barreiras físicas ou tecnológicas. Ela envolve a criação de um ambiente acolhedor e colaborativo onde todos os alunos possam se sentir pertencentes à comunidade acadêmica. A troca de experiências entre os alunos com deficiência visual demonstra a importância de um espaço onde a diversidade é valorizada e as potencialidades individuais são reconhecidas e incentivadas.

Além disso, a colaboração entre os alunos e a utilização de tecnologias assistivas são fundamentais para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade. A formação de comunidades de aprendizagem, tanto presenciais quanto virtuais, permite que os alunos compartilhem conhecimentos e experiências, promovendo um aprendizado mais rico e significativo. Essas interações não apenas ajudam a superar a solidão frequentemente associada ao ensino a distância, mas também fortalecem o senso de pertencimento e a coesão entre os membros da comunidade acadêmica.

É essencial que as instituições de ensino superior adotem políticas e práticas que promovam a acessibilidade em todos os níveis. Isso inclui desde o planejamento didático e a oferta de suporte técnico até a criação de espaços de diálogo e colaboração entre alunos, professores e demais profissionais da educação. O planejamento didático fundamentado no Design Universal para Aprendizagem (DUA) pode ser um caminho. Essa abordagem visa criar currículos e ambientes de aprendizagem que atendam às diversas necessidades dos alunos, proporcionando múltiplos meios de engajamento, representação e expressão. O DUA promove a flexibilidade no ensino permitindo que todos os alunos, independentemente de suas habilidades, possam acessar e participar das

atividades educacionais de maneira equitativa. A implementação do DUA, aliada a um planejamento didático cuidadoso, é essencial para garantir que a educação seja verdadeiramente inclusiva e acessível para todos.

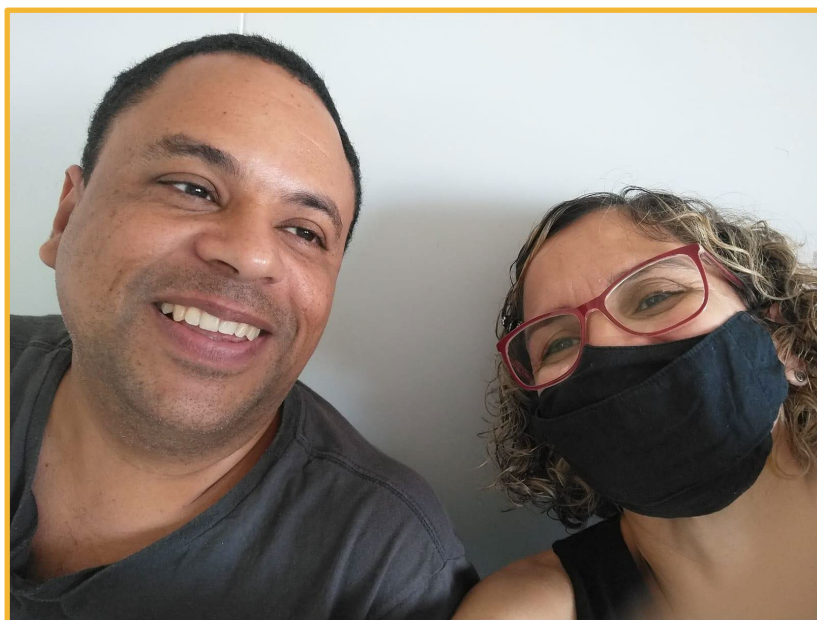
Somente assim será possível garantir que todos os estudantes, independentemente de suas limitações, tenham acesso a uma educação de qualidade e possam desenvolver plenamente suas potencialidades.

Um papel importante criado no Cederj para esse desenvolvimento é a figura do tutor de apoio. Ele tem como objetivo acompanhar o aluno com necessidades educacionais especiais através do atendimento especializado de mediação nos estudos e realização das atividades, criando estratégias segundo as perspectivas da educação inclusiva. Importante ressaltar que o tutor deve proporcionar autonomia para o aluno prosseguir em seu desenvolvimento acadêmico.

Com a palavra, o relato de uma dessas tutoras.



Maysa Diório



Audiodescrição: fotografia de um homem e de uma mulher lado a lado em um ambiente interno. À esquerda, o homem com pele negra, cabelo preto e escuro e com uma barba rala. Ele sorri e usa uma camisa de cor cinza. À direita, a mulher com pele não retinta, cabelo cacheado com luzes douradas na altura dos ombros. Ela usa óculos de armação vermelha, máscara facial preta e camiseta regata também preta. Ao fundo, uma parede branca. **Fim da audiodescrição.**

Sou mediadora de apoio do aluno Ricardo com deficiência visual do curso de pedagogia, CEDERJ/UERJ. As tutorias acontecem em dia de semana, com hora marcada por telefone. Os textos, assim como os cronogramas das disciplinas, são enviados de forma gradual. Facilitando sua organização, deixando-o menos ansioso.

Durante o semestre, nas duas avaliações a distância, o aluno deveria gravar um vídeo em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Por telefone conversávamos sobre as palavras e as configurações de mãos. Neste mesmo dia, anotei as frases

elaboradas por ele, de acordo com as palavras que se encontravam na plataforma. Sentia-se inseguro e questionava se seria capaz, já que a Libras é uma língua visual.

Ricardo era um aluno que sempre demonstrou ser comprometido com as tarefas solicitadas. Isso era extremamente relevante para mim, já que estava face a uma atividade desafiadora. Eu não tinha experiência nenhuma em libras tátil. Mas, acreditava que seria possível.

Já no polo, na sala de informática, local planejado estrategicamente para a execução da gravação do vídeo, por ser arejado e com pouca movimentação de pessoas, que era fundamental para a concretização do vídeo, percebi que Ricardo estava muito tenso e nervoso, o que é muito natural. Para tentar descontraí-lo, disse que era para ter cuidado com a configuração de mão que poderia, inclusive, estar fazendo em libras um sinal de palavrão e isso seria muito ruim para mim, que sou a mediadora de apoio. A tutora a distância estaria reclamando e considerando inadequado. Diante da minha observação, respondeu com gargalhadas, estava mais descontraído.

Na frase construída por ele: “Eu sou ouvinte e cego” demonstrou tristeza, então eu disse que o tempo de luto tinha acabado, que ele estava quase terminando a segunda graduação e que, por isso, já era motivo suficiente para se alegrar e comemorar.

Ricardo nasceu vidente, e para tentar resgatar sua memória visual, indaguei sobre a expressão facial das pessoas quando estão tristes ou felizes e sobre como modificamos a entonação da voz quando interrogamos alguém. Expliquei que da mesma forma as expressões faciais são fundamentais para a

compreensão do diálogo com o sujeito surdo. (citação)

O segundo vídeo foi realizado em uma das salas do polo. Estava muito gripada e por esse motivo, fiz uso de máscara e álcool. Ricardo, diferente da gravação anterior, estava mais confiante de si. Sua dificuldade maior foi a frase em que dizia o número do seu celular em libras. Estrategicamente orientei o aluno a iniciar com o número 9 e o restante fazer uma combinação simples, de forma que ele conseguisse memorizar, como por exemplo: 912345678.

Ricardo foi muito bem nas avaliações. Ele se superou, porque ganhou confiança, entendeu que era capaz. Uma língua tem sua especificidade. E aprender requer muita dedicação e comprometimento.

Outra experiência que tive neste segundo semestre de 2023, foi com a aluna Margarete Sabará, matriculada no polo de Volta Redonda. A conheci no grupo de alunos do WhatsApp administrado pela professora e coordenadora do NAI (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão) Luciana Perdigão. São integrantes desse grupo alunos de diferentes polos e cursos com deficiência visual e seus respectivos tutores. Logo no início da inserção dos alunos no grupo, iniciou-se um diálogo entre todos. Apresentaram-se e dialogaram sobre dificuldades encontradas no trajeto do curso: seus acertos, erros, anseios e dúvidas. Margarete, então, questionou sobre a dificuldade em fazer uma avaliação em específico que era um vídeo em Libras. Pensou inclusive em desistir da disciplina. Ao me sensibilizar com sua dificuldade, resolvi oferecer minha ajuda e ela prontamente aceitou.

Planejei três encontros pelo Meet, mas conseguimos realizar um diálogo em Libras em apenas dois. No primeiro dia marcado, fiz várias perguntas, com

objetivo de conhecer um pouco a aluna. Perguntei quem era Margarete. Indaguei sobre o curso, se era a única da família na graduação ou se mais pessoas tinham concluído o nível superior e qual sua profissão. A aluna muito simpática, alegre, sorridente, cega congênita, fez algumas críticas ao curso, única na família que está cursando uma faculdade, é massoterapeuta e ter esse conhecimento foi primordial para o sucesso no desafio que era fazer alguns sinais em Libras. A metodologia utilizada foi relacionar a nomenclatura das falanges, como polegar e anelar. A partir do conhecimento sobre sua profissão e percebendo que estava interessada em fazer a atividade, resolvi iniciar no mesmo dia alguns sinais e frases em libras como: seu nome, sua idade, se mora em casa, apartamento, se é casada, solteira e no segundo dia construímos juntas algumas frases. O material foi gravado por um aplicativo de gravação de tela, como: loom.

Iniciei o diálogo em libras: “Oi. Tudo bem?”. Perguntei se morava em casa ou apartamento e ela me respondeu que era em casa. Perguntei como estava o tempo no último encontro, “chovendo muito”, ela me respondeu. Nos despedimos mandando um abraço apertado e beijos.

Margarete gostou muito de ter dialogado comigo em Libras. Essa experiência foi muito importante, e como ela mesma disse: “pensei que jamais seria capaz de aprender qualquer sinal”.

Ajudei os alunos a terem êxito, acredito que alcancei tal feito por procurar conhecê-los, saber das suas dificuldades, ansiedades e por ter percebido e acreditado em suas potencialidades. Ricardo por ser comprometido no que faz e Margarete por ter aceitado a ser desafiada. Os encontros com ambos os alunos foram proveitosos e os resultados colhidos, extremamente satisfatórios.



5. ALÉM DO OLHAR

Prof. Lincoln Tavares



Audiodescrição: fotografia quadrada de um homem negro em um jardim com um prédio com janelas de vidro ao fundo. Ele tem cabelo curto e preto e expressão séria. O homem usa um terno azul-marinho, uma camisa branca e uma gravata vermelha. Está também com óculos de grau pendurado no pescoço. Os braços estão cruzados com as mãos segurando o punho oposto. **Fim da audiodescrição.**

Início esta escrita agradecendo, com razão e emoção, aos demais participantes que me possibilitaram um “mergulho em mim mesmo”! Nele seria totalmente absurdo deixar de fora a equipe do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Fundação Cecierj que, capitaneado solidariamente pela servidora pública e

pesquisadora Luciana Perdigão, me convidou para aprender um pouco mais sobre o muito que ainda não sei. E se não sei, nada melhor do que ser aprendente.

Ser aprendente é uma tarefa muito mais facilitada quando isso se faz inserido naquilo que Carlos Rodrigues Brandão, num livro intitulado: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores, denominou de Comunidades Aprendentes ao detalhar que

Assim é que podemos chamar cada uma destas unidades de vida e de destino de comunidades aprendentes. Pares, grupos, equipes, instituições sociais de associação e partilha da vida. Lugares onde ao lado do que se faz como o motivo principal do grupo (jogar futebol, reunir-se para viver uma experiência religiosa, trabalhar em prol da melhoria da qualidade de vida no bairro, e assim por diante) as pessoas estão também inter-trocando saberes entre elas. Estão se ensinando e aprendendo. (BRANDÃO, 2005, p, 87)

Comecei aqui, com este convite, aprendendo como ressignificar minha própria descrição que, não por um modismo, se revelou nas narrativas das diferentes pessoas que verdadeiramente mantêm contato formativo e coletivo com a Fundação Cecierj. Pessoas que nos desafiam a ensinar aprendendo, nas instituições, com suas pertencas e superações, desde as que fizeram trajetórias na escola básica, na EJA, no acesso e na permanência à educação superior e, para as quais me arrisco a prever num futuro bem possível, o caminhar pela pós-graduação.

E se trato de audiodescrição ressignificada é porque ao ler e ouvir os depoimentos de estudantes pude me (re)identificar como homem de 56 anos de vida, pessoa negra de pele clara, com altura de 1,86 metros, relativamente

esguio, com cabelos que ora tendem a liso e ora ficam cacheados, o que me fez valer do artifício de cultivar com eles um “rabo de cavalo”, que recentemente foi caracterizado por Luciana como algo que me identifica fortemente (nem sei se ela lembra disso! Mas para mim, foi muito importante). Me sinto agora, graças a Luciana e a todas, todos e todxs vocês, mais ciente de minha condição potencial de pessoa com Deficiência Visual (DV). Sim, falo de potência, pois vindo de família humilde, de pais migrantes nordestinos, mãe professora e pai operário vigilante/guarda/segurança de fábrica, fui o primeiro em minha família a cursar uma universidade pública, sendo inclusive estudante oriundo de escola pública.

Minha família, que vivia dos salários da professora e do guarda, era estruturada e, apesar das agruras de sua condição social, pôde me orientar para o sentido da importância de estudar. Tal condição nem sempre se via presente entre outras famílias da Baixada Fluminense, o que me faz discordar dos arautos da meritocracia que não conseguem e não querem, mesmo atualmente, aceitar e compreender a importância de políticas afirmativas para os grupos da sociedade mais vulnerabilizados, ignorando outros méritos como promotores de acesso e permanência na escola básica e na educação superior.

Desde cedo, este nascido em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, por conta da acelerada miopia, usava óculos pela dificuldade que possuía em enxergar o quadro de giz. Mas não somente para isso, pois jogar futebol, depois voleibol ou brincar de qualquer coisa me exigiam este “companheiro” que até hoje convive comigo. As implicações na escola, de colegas que não conseguiam entender que eu precisava dos óculos sempre, foram superadas pela determinação em não ficar de fora de nada. Agora, professor universitário, com trajetória em redes municipal, estadual e federal de ensino básico, consigo perceber que evoluímos nas formas de inclusão, embora haja muito a fazer para

que pessoas como eu e como vocês não desistam ao longo da jornada.

Embora meus pais tenham sido zelosos comigo, talvez algo da genética tenha nos escapado, pois mesmo seguindo tratamentos oftalmológicos evoluiu em mim o glaucoma (relembro aqui minha condição de negro, que também se soma à ascendência indígena) que, por sua vez, pode ter trazido à tona facilitadores para os descolamentos de retina em ambos os meus olhos. Pude ouvir e ler nesta publicação situações semelhantes vividas pelo(a)s visionário(a)s. Pouco antes de meu primeiro descolamento, havia sido escolhido para ser membro do Conselho Estadual de Educação e me fiz presente na Comissão Especial de Inclusão e Diversidade, onde pude me aproximar do ambiente regulador das políticas de inclusão estaduais e nacionais, incorporando a causa nas minhas lutas.

Tinha eu por volta de 40 anos quando perdi minha visão do olho esquerdo, em pleno processo de realização de minha tese de doutoramento. Segui em frente com tratamentos, cirurgias e consultas que não somente me permitiram continuar trabalhando, como me fizeram pensar mais na importância da política pública educacional para a inclusão. Nunca o fiz por domínio próprio, mas apoiado e apoiando, seja como docente, seja como gestor educacional, ações que dessem efeito a esta perspectiva. Foi lá no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj) que aprendi com profissionais como Patrícia Braun, Márcia Marin, Claudia Barreiros, entre outro(a)s, que aquela escola dita de excelência deveria se tornar também referência de práticas formativas e inclusivas em todos os níveis de escolaridade de suas ações (ensino, pesquisa e extensão).

Como diretor do CAp, juntamente com minhas parceiras Maria Beatriz Porto e Lícia Vasconcellos, depois como “decano” no Centro de Educação e

Humanidades e, posteriormente, como Pró-reitor de Graduação pude acompanhar, defender e colaborar com a regulamentação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e com a criação de um departamento dentro do CAP-Uerj, com profissionais docentes de variadas formações voltados ao campo da inclusão. Igualmente, apoiei a luta por concursos para estes e para outros técnico-administrativos de formação plural, para que se estabelecesse equipe multidisciplinar neste campo de atuação. É por isso que digo aqui que as linhas mestras que vocês alcançam com seus depoimentos, também me fazem reaprender a traçar e rememorar minhas trilhas neste “grande sertão, veredas” que me situam na minha autodescrição. Pude repensar como a vida me aproximou das ações inclusivas que servem, de fato, à vida de todas as pessoas e instituições.

Na pandemia de COVID-19, que nos assolou e cobrou de nós um readequar de nossas formas de viver, socializar e aprender-ensinar, me deparei com mais um desafio: um novo descolamento de retina. Literalmente “sem olhar para baixo” entendi que os 25% de visão daquele olho, que ainda deixa as pessoas em dúvida se enxergo ou não, jamais poderiam ser desperdiçados. Assim como o coletivo visionário, não posso falar que estive sozinho nestas agruras que vivi e neste entendimento que constituí. Seja na primeira perda de visão, seja na segunda, agradeço à família, a todas e todos parceiro(as) de trabalho (amigos e amigas docentes, técnico-administrativos e terceirizados) e estudantes que conviveram comigo construindo junto a mim novos meios de minha reinserção. Confesso que quase desisti, mas quando falei em razão e emoção, foi pela simples condição de me sentir assim ao estar no mundo e de acreditar naqueles e naquelas que me passam isso. Sendo assim, naquele momento de pandemia, ajudado por muitas pessoas competentes e afetuosas, as quais seria injusto nominar, sob pena de esquecer alguém também crucial, me valho aqui da

gratidão sem limites. Quem tiver acesso a esta escrita sabe e se sentirá tocado(a) pelo meu carinho agradecido. Mas há uma pessoa que não posso deixar de citar: minha esposa Gianne. Sem ela no meu cotidiano (em todos os lugares), as forças empenhadas pelas demais pessoas, para que eu acreditasse na retomada, talvez tivessem se perdido. Valeu amor!

Não é que seja fácil a adaptação da pessoa com DV. E isso ficou bem detalhado nas narrativas das onze pessoas/estudantes que testemunharam neste livro suas agruras e os caminhos para superarem suas barreiras, e ainda orientam a outros, formas de superação. Neste ponto, deixam de ser “apenas” aprendentes para serem intérpretes de boas novas. Em meu caso, não foi e nem é fácil ser um professor de geografia, acostumado com leituras de mapas e imagens, ver este universo quase ruir totalmente. Passei a não conseguir dominar leituras em papel com o fundo branco que esconde as letras, palavras e frases. Nada prazeroso não ver contraste entre cores e limites entre linhas. Nem um pouco confortável lidar com a tela a ser adaptada, sem que você domine previamente as estratégias para tal e sem que você tenha a mesma velocidade que tinha antes para acessar as linguagens textuais e visuais, até então naturalizadas em/para seu uso. Isto tudo veio acompanhado com o ter que se manter produtivo, redigindo, lendo, orientando e, além disso, gerindo e enfrentando ambientes que foram e são pensados para videntes. Por isso, de fato agradeço àquelas pessoas que no ambiente presencial de aprendizagem me trouxeram ferramentas assistivas e adaptativas que ampliaram minha condição de continuar na docência. Lembro dos servidores do gabinete da Pró-reitoria de Graduação e da Vice-reitoria da Uerj, assim como os servidores do setor de informática do CAp-Uerj e, mais recentemente, do Instituto de Geografia da mesma Universidade. Igualmente, agradeço a docentes como Márcia Taborda, também técnico-administrativa, que com sua equipe do DAPI/Pr-1 me auxiliou muito nesta adaptação às tecnologias

assistivas, apresentando, com bolsistas orientados pela querida Professora Flávia Dutra (EDU/Uerj), caminhos por onde eu poderia seguir com maior equilíbrio e conforto. Por oportuno, agradeço à Professora/técnico-administrativa Valéria de Oliveira (CAp e Rompendo Barreiras), que me orientou várias vezes sobre o ser DV e sobre meus direitos enquanto tal. Igualmente, fui afetuosa e profissionalmente afetado por ações da Fundação Cecierj, advindas pelo Consórcio Cederj, enquanto professor/coordenador de uma disciplina do curso de graduação em Pedagogia. Neste, orientado pelos profissionais que atuam no campo da inclusão, pude adaptar alguns de meus materiais da disciplina, inclusive nos instrumentos de avaliação e me adaptar, pelo menos em parte, às necessidades que eu mesmo tinha como professor nesta interface com os estudantes. Esta rede que me cercou possibilitou que eu, reconhecendo vários de meus limites, não me limitasse passivamente a eles. Se, por vezes, o cansaço nos vence diante de uma tela, buscamos outras formas de caminhar e de nos fazermos ser compreendidos nos nossos limites e potencialidades. E isso nos faz refletir que além de aprendentes em comunidades, também somos capazes de realizar individual e coletivamente trabalhos de transformação e tradução do que nos cerca e de nossas circunstâncias e contextos individuais e sociais. Como apontam Avanzi e Malagodi, no livro anteriormente citado, Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores:

O objetivo maior deste trabalho de tradução é ampliar a capacidade de articulação entre indivíduos, grupos e movimentos. As comunidades interpretativas seriam, portanto, comunidades políticas. Não uma exposição das idéias próprias para retornarmos ao nosso espaço familiar tal qual dele saímos, mas um encontro desestabilizador que transforma nossas certezas, nossa compreensão e nossa ação sobre o mundo. (AVANZI e MALAGODI, 2005, p. 97)

Assim cheguei em 2024 à Fundação Cecierj, onde pude conhecer os “bastidores”

que não se escondem da luta pela inclusão como direito em todos os campos da vida social por meio do campo educacional. Foi nesta curta, mas intensa passagem como gestor da Fundação que meus sentidos se aguçaram e foram ainda mais estimulados ao ter acesso a esta rede tecida pelo NAI que afeta Tutoria, Provas, Material Didático, Ciência, Tecnologia, Inovação e Divulgação Científica voltados ao atendimento público, gratuito, com qualidade socialmente referenciada aos diferentes cursistas dos variados níveis de oferta formativa, nos momentos de presencialidade e de semipresencialidade.

Pude estar de perto com Luciana e sua equipe e saber de seus caminhos, superações e necessidades institucionais. Vejo que há muito o que comemorar, mas igualmente muito ainda deve ser apoiado e fomentado, ampliando equipe e estrutura de logística no sentido da expansão e consolidação do belo trabalho realizado.

A continuidade de reconhecimento e de investimentos na formação da equipe (incluindo os excelentes tutores de apoio), a ratificação de parcerias que alcançam a Pós-graduação, a retomada de parcerias na EJA, a ampliação de fomentos à pesquisa e a disponibilização de ações de extensão e de ensino de graduação sustentadas pelo fundo público são e devem ser fundamentais. Eu mesmo, em pouco tempo de convívio direto, fui orientado por Luciana e sua equipe sobre ferramentas assistivas gratuitas e de baixo custo, acessíveis, não somente para DVs, como para outras necessidades inclusivas. Isto demonstra que, quando se investe em quem sabe atuar no campo utilizando-se da competência acadêmica e do conhecimento científico para praticar a gestão, muito se pode ofertar a partir do serviço público.

As narrativas, orientações e experiências, que enfrentam e superam barreiras,

aqui apresentadas pelos visionários da Comunidade Aprendente e Interpretativa composta por **Fernanda, Henrique, Lethícia, Lucas, Luiz Cláudio, Margarete, Roberta, Ricardo, Sergio, Sidney e Vicky** e por todos e todas demais que a eles e elas se articulam, são os verdadeiros “dados” que precisamos enxergar para que a cegueira do gerencialismo e da racionalidade técnica não desvirtuem os processos inclusivos, subordinando suas conquistas a lógicas de mercado, que ora ignoram os que devem ter direito à inclusão e/ou ora querem submetê-los ao discurso meritocrático elitista e excludente daqueles que nunca viveram realmente as preocupações inerentes ao campo educacional público.

São as pessoas visionárias que alargam nossos horizontes! Parabéns a elas!

Prof. Lincoln Tavares escreveu seu relato utilizando o Word com fonte ampliada e alto contraste.



REFERÊNCIAS

AVANZI, M. R.; MALAGODI, M. A. S. Comunidades interpretativas. In: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org). Brasília, MMA/Diretoria de Educação Ambiental, p. 93-102, 2005. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros.pdf, acesso em 22/08/24.

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org). Brasília, MMA/Diretoria de Educação Ambiental, p. 83-92, 2005. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros.pdf, acesso em 22/08/24.

GOMES, C. S., & RODRIGUES, S. R. Recursos pedagógicos adaptados para alunos com deficiência visual no ensino de biologia. Revista Práxis Educacional, 15(36), 128-141, 2019.

OLIVEIRA, L. C. S., & SANTOS, E. S. A importância do ensino de biologia acessível para alunos com deficiência visual: uma revisão sistemática. Revista Diálogos Acadêmicos, 2(1), 153-167, 2021.

PEREIRA, M. A. S., & SILVA, A. P. Educação inclusiva e ensino de ciências e biologia para deficientes visuais: revisão de literatura. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 13(3), 990-1002, 2018 .

RIBEIRO, D. C., & RODRIGUES, D. P. A inclusão de alunos com deficiência visual no ensino de Biologia: possibilidades e desafios. Revista Brasileira de Educação Especial, 24(4), 603-616, 2018.





Esse livro é fruto de um projeto elaborado durante o curso de Tópicos em Comunidades e Inserção Social, em 2024. A disciplina faz parte do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto consistiu na criação de uma comunidade de alunos com deficiência visual do Consórcio Cederj.

VISIONÁRIOS foi nome dado pelos próprios alunos com DV, ao grupo, e não poderia ser outro para batizar o livro. Além deste e-book, o projeto resultou em várias experiências, que foram apresentadas em Conferências e Congressos. E, também, na formação de vínculos e amizades que ultrapassaram as fronteiras da universidade.

